



DONIZETI MARCOLINO

sinais da vida

Uma leitura para a autoconsciência

Donizeti Marcolino da Silva nasceu no dia 11 de maio de 1958 em Inúbia Paulista - SP. Criou-se na região de São João do Pau D'Alho, Tupi Paulista. Teve o primeiro emprego registrado aos 14 anos como desenhista e pintor dos cartazes para divulgar os filmes no Cinema de Tupi Paulista. Em 1977 migrou para Campinas - SP onde trabalhou com pintura de propaganda em paredes íngremes de prédios em 1979 foi contratado na Prefeitura Municipal de Campinas para trabalhar na Secretaria Municipal de Saúde, quando como Auxiliar de Saúde Pública ajudou a implantar a atenção primária de saúde pública e a rede de postos de saúde da Prefeitura de Campinas. Atuante nas Comunidades Eclesiais de Base. Participou dos movimentos sociais, sindical e político. No final dos anos 80 foi trabalhar na área de imprensa sindical do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região. No governo municipal eleito do PT foi para uma área administrativa da cidade. Quando acabou o mandato, voltou a trabalhar com pintura de propaganda. Retornou no início de 2000 à Prefeitura trabalhando no controle de endemias da dengue. Aposentou em 2007. Como aprendeu informática por volta de 1996 passou a trabalhar de freelancer em home office, que foi reforçado devido à pandemia, desenvolvendo atividades na da computação gráfica, identidade visual, redes sociais e web. Atividades que mantenho até hoje. Neste tempo escrevi também um livro de poesias - Poetize-se - e um ebook de Javascript. Sou do lema de quanto mais anda mais vê estrada.

ISBN: 978-65-02-09178-4

BR



9 786502 091784

“Da pedra ao silício, permanece o mesmo impulso: inscrever sentido no tempo.”

“Toda tecnologia é apenas a antiga necessidade humana de registrar a consciência.”

São 60 anos desde o primeiro debate com pessoas de uma denominação religiosa. Foi lá na roça. O tema foi sobre situação de Maria para ter Jesus. Portanto um tema filosófico/religioso, mas naquela época nem sabia o que era isso. Só sei que o que respondi naquela época respondo hoje também. Porque se tratando de História da realidade humana tudo é possível. Hoje sintetizo o meu aprendizado filosófico e transcendental em um ebook. Fruto destes anos em busca de questões e de respostas por qualquer coisa que faça sentido à lógica da vida. E por tudo que encontrei, encontrei-me e a tudo. Meu estado de consciência que permitiu a dissipação de meus medos e a obtenção das respostas que sempre busquei. Tudo isso não é exclusividade minha e sim de todos que tenha a vontade e a coragem de iniciar o processo da busca. E é simples, porque se encontra justamente dentro de cada um de si... Boa leitura.

Donizeti Marcolino

Maio/2026

A experiência humana sempre esteve situada entre dois grandes campos de investigação: o domínio da objetividade mensurável e o território profundo das realidades subjetivas. Durante séculos, a ciência buscou compreender a estrutura da matéria, o funcionamento do cosmos e os mecanismos que regem a existência observável. Paralelamente, a filosofia voltou-se à pergunta essencial sobre o ser, a consciência, o tempo e o sentido último da existência. Este livro nasce precisamente da intersecção entre essas duas perspectivas.

As reflexões aqui apresentadas não pretendem oferecer verdades definitivas, mas propor uma investigação crítica sobre aspectos fundamentais da

condição humana. Questões como a natureza da energia, a situação do tempo, a transcendência da consciência, a relação entre matéria e imaterialidade, o significado do sagrado e o papel do pensamento como força organizadora da experiência são abordadas sob uma ótica que busca integrar rigor reflexivo e abertura contemplativa. Sobre questões relativo ao pecado, redenção, morte, Deus e Jesus.

Se a ciência nos ensina que a realidade visível é composta por estruturas em constante transformação, a filosofia nos lembra que toda transformação exterior remete inevitavelmente a um movimento interior. O ser humano não é apenas um organismo biológico submetido às leis físicas; é também um campo de percepção, elaboração simbólica e potencial transcendental. Quais devam seguir uma lógica para não criarmos estruturas em embasamentos rompíveis e isso nos cobrar uma ação no futuro.

Neste sentido, as páginas que seguem constituem um convite ao questionamento. Não se trata de aceitar premissas, mas de exercitar a reflexão como ferramenta de expansão da consciência. Pensar, afinal, é o mais profundo ato de liberdade. E talvez seja justamente nesta liberdade investigativa que resida a possibilidade de compreender que existir não é apenas ocupar um intervalo no tempo, mas participar ativamente da construção de significado dentro da própria experiência universal.

Donizeti Marcolino - maio/2026

sinais da vida

O Universo é eterno, não teve início, sempre existiu. Como também a imaterialidade, não teve princípio. - Digo imaterialidade para não confundir com questões de religião, para não limitar a compreensão à luz da fé, magia ou mágica. Porque não é disso que se trata, mas sim de lógica e amor. O que existia era energia pura. E que existe ainda onde o universo material onde não expandiu e no interior dos buracos negros. Falando em universo material, tudo começou da reação da fadiga da energia inspirado pela imaterialidade, gerando um ponto tão denso e quente. Que na verdade não foi só um ponto, mas sim como uma chuva torrencial de pontos, eclodindo em uma imensa explosão de energia criando as condições e os elementos básicos que se acumularam, formando os primeiros átomos de hidrogênio e um pouco de hélio, e os buracos negros - sim, os buracos negros foram feitos no processo da eclosão e que foram essenciais mais tarde para aglutinarem as galáxias. Foram formadas as primeiras nuvens de poeiras que se acumularam para a formação das primeiras estrelas, que explodiram gerando novos elementos e

sucessivamente até que surgiram elementos capazes de suscitar a vida.

-* -

A energia é a base silenciosa de tudo o que existe. Antes da forma, antes do nome, antes mesmo da ideia de matéria, há a energia, pulsante, contínua, infinita. Nada surge do nada; tudo emerge de um campo energético primordial que se manifesta de infinitas maneiras. O que chamamos de universo, vida, pensamento ou consciência são apenas expressões distintas de uma mesma essência em movimento.

Na ciência, a energia é reconhecida como indestrutível: ela não se cria nem se perde, apenas se transforma. Essa constatação, longe de ser apenas uma equação física, carrega um profundo significado existencial. Se tudo é energia em transformação, então a separação entre as coisas é apenas aparente. Matéria, luz, som, emoção e pensamento são estados vibratórios diferentes de um mesmo princípio universal.

A energia é criadora porque antecede toda forma. Cada átomo, cada célula, cada estrela nasce de um arranjo específico de campos energéticos. Mesmo o que chamamos de vazio não está vazio: é um campo pleno de potencialidades. O espaço entre as partículas vibra, pulsa, interage. Assim, o universo não é um conjunto de objetos isolados, mas uma

teia viva de energia interconectada, em constante diálogo consigo mesma.

Sendo percursora de tudo, a energia não ocupa apenas um lugar, ela está em tudo e em todos os lugares ao mesmo tempo. Não conhece fronteiras, não respeita divisões artificiais. Ela atravessa corpos, pensamentos, dimensões e tempos. O que muda não é a presença da energia, mas o modo como ela se organiza e se manifesta. Onde há existência, há energia em ação.

No ser humano, essa mesma energia se expressa como vida, consciência e intenção. O corpo é um campo energético organizado; a mente, um fluxo vibratório sutil; as emoções, movimentos dessa energia em diferentes frequências. Pensar, sentir e agir são atos energéticos. Cada escolha altera o campo ao redor, cada pensamento emite uma assinatura vibratória que interage com o todo.

É por isso que a energia não é apenas criadora do universo externo, mas também da realidade interna. Aquilo que cultivamos em nós, crenças, sentimentos, atitudes; molda o modo como a energia se expressa em nossa experiência de vida. Não somos observadores passivos do cosmos; somos participantes ativos do campo energético universal. O todo está em nós e nós somos parte do todo.

Quando antigas tradições espirituais falam de um princípio criador presente em tudo, e quando a física moderna descreve campos unificados e interações fundamentais, ambas apontam para a mesma direção: tudo é expressão de uma única energia em

múltiplas formas. O nome muda, a linguagem muda, mas a essência permanece.

Reconhecer a energia como criadora e onipresente é compreender que nada está desconectado. Cada ser, cada evento, cada instante é uma manifestação temporária do infinito. Somos energia em movimento tomando consciência de si mesma. E ao perceber isso, surge uma responsabilidade profunda: aquilo que irradiamos contribui para a construção ou para a desarmonia no todo.

Assim, compreender a energia é mais do que entender o universo, é entender a si mesmo. É perceber que criar não é um ato distante ou divino no sentido tradicional, mas um processo contínuo que acontece a cada pensamento, a cada intenção, a cada gesto. A energia é a base da criação e que mantém o universo em harmonia, em movimento e transformação.

-*-

Todo ser biológico, ao emergir para a experiência da existência, não chega ao mundo como uma página em branco, desprovido de conteúdo, esperando passivamente ser preenchido pelas contingências externas. Ao contrário, traz inscrito no inconsciente um vastíssimo repertório de informações, uma memória ontológica que remonta não apenas à história, mas à própria tessitura primordial do Universo. É como se cada consciência individual carregasse, silenciosamente, a impressão integral da

totalidade cósmica desde seu princípio — e do anterior ao próprio tempo, em uma dimensão onde causa e efeito ainda não se haviam separado.

Essa inscrição primordial não permanece estática. Atualiza-se constantemente a cada novo evento que emerge no fluxo da realidade. O inconsciente, nessa perspectiva, não seria um mero depósito de lembranças reprimidas ou automatismos psíquicos, mas um campo dinâmico de interconexão transcendental, uma espécie de biblioteca universal viva, onde toda experiência vivida pelo cosmos reverbera e se registra.

Dessa forma, o nível de consciência que cada indivíduo alcança durante sua trajetória existencial determina sua capacidade de acessar esse patrimônio invisível. Quanto mais expandida e refinada a consciência, maior a possibilidade de penetrar nesse domínio profundo e extrair dele informações, compreensões e percepções que transcendem os limites convencionais da instrução formal.

Talvez seja por isso que, em diversas ocasiões, encontramos pessoas sem qualquer formação acadêmica formal discorrendo sobre questões de extrema profundidade filosófica, espiritual ou científica com uma desenvoltura que, por vezes, supera a de muitos intelectualmente titulados. Não se trata de milagre, acaso ou privilégio sobrenatural. Tampouco de uma eleição mística reservada a poucos. Trata-se, antes, da capacidade singular de alguns indivíduos de estabelecer contato mais lúcido com essa dimensão transcendental do conhecimento.

A história humana frequentemente nomeou tais pessoas como iluminadas, escolhidas, inspiradas ou portadoras de dons extraordinários. Entretanto, sob uma análise filosófica mais cuidadosa, são simplesmente consciências que aprenderam — intuitiva ou deliberadamente — a transitar com maior fluidez entre os níveis superficiais da razão e o inconsciente universal.

Sob essa ótica, a educação formal adquire um significado radicalmente diferente daquele que tradicionalmente lhe atribuímos. Quando uma criança vai à escola, ela não vai propriamente aprender, pois, em potência, já traz consigo o saber. O que lhe falta não é o conhecimento em si, mas a consciência organizada desse conhecimento. Ela não aprende no sentido absoluto da palavra; ela recorda, estrutura, nomeia, ordena e manifesta exteriormente aquilo que já existe latente em seu interior.

Os primeiros rabiscos, os garatujo, o exercício da escrita, as operações matemáticas iniciais e todos os estágios sucessivos do aprendizado representam, assim, instrumentos de organização dessa memória silenciosa. A escola não cria saber; ela oferece linguagem, método e forma para que o saber adormecido se torne inteligível e funcional.

Ao longo desse processo, cada indivíduo vai se afinando com seu propósito existencial. Alguns se orientam para o trabalho manual, outros para a ciência, outros para a arte, para a música, para a filosofia, para o ensino ou para a investigação dos mistérios da existência. Não porque o mundo lhes imponha um destino arbitrário, mas porque, à

medida que a consciência se organiza, ela passa a comprimir e direcionar o vasto campo potencial do conhecimento para aquilo que corresponde à sua vocação essencial.

Quanto mais aguçada se torna a mente — não apenas intelectualmente, mas em sensibilidade, percepção e abertura interior — maior é sua capacidade de acessar camadas mais profundas dessa inteligência universal.

Conhecer, portanto, talvez não seja adquirir algo externo, mas recordar aquilo que sempre esteve em nós.

E pensar pode ser, em última instância, o sublime esforço da consciência para reencontrar em si mesma a memória esquecida do infinito.

-*-

Tudo o que conhecemos na verdade é aparente e apenas percebemos uma parte da multiplicidade de dimensões em que o universo está organizado. Só no mundo em vivemos existe o Tempo, isso é porque nós contamos as horas. Tudo funciona ao mesmo instante, passado, presente e futuro. Tudo entrelaçados em múltiplas realidades e organizadas em dimensões como já mencionei. Nós é que temos a percepção de tudo passar devagar e contados com o ponteiro do relógio.

O tempo, tal como o concebemos, é uma das mais engenhosas construções da percepção humana. Desde os primeiros movimentos de observação, o homem aprendeu a medir ciclos: o nascer e o pôr do sol, as fases da lua, as mudanças das estações, o envelhecimento do corpo, o desabrochar e o fenecer da vida. Dessa repetição nasceu a ideia de tempo. Mas o que chamamos de tempo não existe como realidade absoluta; é apenas uma forma criada pela consciência para organizar a experiência.

O tempo não é algo que possa ser tocado, visto ou apreendido em sua essência. Não se encontra o tempo em parte alguma do universo como se encontra uma pedra, uma estrela ou uma corrente de água. O que percebemos são transformações, movimentos, alterações de estado. E para que essas mudanças possam ser compreendidas, criamos um sistema de contagem. Chamamos de segundos, minutos, horas, dias e anos aquilo que nada mais é do que a marcação arbitrária de processos contínuos. O tempo, assim, não é uma entidade, mas uma convenção. Uma linguagem criada para traduzir a mudança.

Quando dizemos que algo aconteceu no passado, estamos apenas nos referindo a uma memória registrada na consciência. Quando falamos do futuro, lidamos com projeções, expectativas e possibilidades que ainda não se manifestaram à nossa percepção. E o presente, quando tentamos capturá-lo, já escapa. No exato instante em que o identificamos, ele já deixou de ser. Isso revela uma questão profunda: o presente, tal como o definimos, parece inapreensível, e o passado e o futuro sejam

construções mentais sustentadas por ele e que afinal são em si mesmo.

Sob uma perspectiva mais ampla, tudo está ocorrendo simultaneamente. O que chamamos de sequência talvez seja apenas o modo limitado como nossa mente interpreta a realidade. Como quem observa uma grande tapeçaria fio por fio, sem conseguir enxergar de imediato o desenho inteiro, percebemos a existência como sucessão. Entretanto, fora da limitação perceptiva, pois toda a tapeçaria já está completa.

Passado, presente e futuro não são compartimentos separados, mas dimensões entrelaçadas em um mesmo acontecimento universal. Aquilo que chamamos de ontem continua existindo como estrutura; aquilo que chamamos de amanhã já possui sua potencialidade inscrita na totalidade do real. O agora seria apenas o ponto de intersecção onde nossa consciência toca essa vastidão.

É possível imaginar a existência como um grande campo simultâneo, onde todos os eventos coexistem. O nascimento de uma estrela, o primeiro passo de uma criança, o último suspiro de um ancião e a aurora de civilizações futuras poderiam estar presentes na mesma tessitura cósmica. Nossa consciência, por sua natureza encarnada e limitada, atravessa essa totalidade em frações, como quem lê uma página linha após linha, sem perceber que o livro inteiro já está escrito.

Assim, o tempo não passe. E sejamos nós que nos deslocamos dentro de uma realidade integral. Não é o futuro que vem ao nosso encontro, nem o passado

que se distancia; é a consciência que se move pelos pontos de uma eternidade estática.

Sendo isso, a eternidade não seria uma duração infinita, mas a ausência completa de duração. Um estado onde tudo é. Onde nada começa, nada termina, apenas se manifesta segundo a capacidade perceptiva daquele que observa.

Pensar dessa maneira transforma profundamente nossa compreensão da existência. Dissolve a angústia da espera, relativiza o peso da perda e amplia a noção de pertencimento ao cosmos. Pois se tudo está entrelaçado no mesmo momento, então cada instante contém a totalidade. Cada agora carrega em si o eco de tudo o que foi e a semente de tudo o que será. E o tempo, afinal, é apenas a sombra projetada pela eternidade quando filtrada pela mente humana.

-*-

A vida humana na terra começou pelo futuro, onde o que havia eram máquinas. Quando a vida tida como selvagem florescia esplendorosamente na superfície terrestre. Inspirado pela providência foi criado com a tecnologia o genoma do ser humano que foi implantado em ancestral escolhido para o processo evolutivo. Definindo assim o processo humano como dois momentos: o da criação e o da evolução. Qual transcorreu em aproximadamente quatorze raças de humanos, das quais as mais conhecidas são os Neandertais e os Homo Sapiens

entre as quais o Homo Sapiens foi que sobreviveu ao processo adaptativo superando todo o processo da seleção natural como descreve o texto a seguir que é uma síntese do que existe hoje sobre esse conceito.

A Hipótese da Retro interferência Tecnológica na Origem Humana. A interpretação convencional da origem humana sustenta que a emergência do Homo sapiens resultou exclusivamente de processos graduais de seleção natural, mutações genéticas aleatórias e pressões adaptativas acumuladas ao longo de milhares de anos. Contudo, uma perspectiva alternativa — ainda que situada no campo da especulação teórica — propõe uma revisão mais complexa desse processo: da interferência tecnológica retro temporal na constituição da espécie humana. Essa hipótese parte de um pressuposto fundamental: o tempo não como uma sequência linear irreversível, mas como uma estrutura simultânea, na qual passado, presente e futuro coexistem em níveis distintos de manifestação causal. Sob essa ótica, torna-se plausível considerar que civilizações futuras, detentoras de tecnologias extremamente avançadas, tenham desenvolvido capacidade de intervenção retroativa sobre processos biológicos pretéritos. Nessa formulação, a vida humana na Terra não teria começado exclusivamente no passado, mas paradoxalmente no futuro. Isso significaria que, em determinado estágio civilizacional altamente avançado, sistemas tecnológicos autônomos — máquinas dotadas de elevada capacidade de processamento genético e manipulação temporal — teriam participado da

elaboração do genoma humano, introduzindo modificações dirigidas em homínídeos ancestrais selecionados.

Tal hipótese permitiria distinguir dois momentos fundamentais da existência humana: O momento da criação dirigida. Correspondente à intervenção tecno genética inicial, na qual estruturas biológicas ancestrais receberam alterações informacionais precisas.

O momento da evolução adaptativa. Fase posterior em que a seleção natural atuou sobre essas estruturas geneticamente potencializadas, conduzindo ao desenvolvimento das múltiplas linhagens humanas conhecidas.

A paleoantropologia identifica diversas espécies dentro do gênero Homo, incluindo Homo habilis, Homo erectos, neandertais e Homo sapiens. Sob a perspectiva da hipótese retro intervencionista, essas linhagens poderiam representar diferentes estágios experimentais ou ramificações adaptativas de um projeto evolutivo dirigido. A predominância final do Homo sapiens seria então interpretada não apenas como resultado de superioridade adaptativa espontânea, mas como manifestação da linhagem que melhor integrou o conjunto de modificações genéticas introduzidas. Outro ponto relevante encontra-se na emergência abrupta de capacidades cognitivas superiores: linguagem simbólica complexa, abstração matemática, consciência reflexiva e organização social sofisticada. Quando a raça humana estava na transição da coleta para a colheita e, portanto, princípio das primeiras civilizações o futuro por meio das máquinas

estabeleceu civilizações em várias partes do planeta principalmente para ajudar na dispersão para todo o globo e ensinar o princípio das organizações desde as plantações, colheitas às organizações sociais mais complexas. A rapidez relativa com que tais competências surgiram, quando observada em escala evolutiva, levanta questões ainda não plenamente resolvidas pela biologia evolutiva clássica. No campo arqueológico, diversos vestígios frequentemente suscitam interpretações controversas: mega construções megalíticas, blocos de pedra transportados com precisão, extraordinária, geoglifos de escala monumental, alinhamentos astronômicos sofisticados, sinalizações em platôs de montanhas que só podiam serem vistos do alto, mosaicos de pilotos com naves, e estruturas cuja engenharia permanece parcialmente enigmática.

Embora a arqueologia tradicional ofereça explicações metodologicamente consistentes para grande parte desses fenômenos, a hipótese aqui discutida sugere que tais evidências poderiam representar resíduos materiais de interação entre civilizações humanas primitivas e agentes tecnológicos oriundos de temporalidades futuras.

Narrativas antigas também merecem análise simbólica. Textos religiosos e mitológicos descrevem eventos que, reinterpretados à luz tecnológica, apresentam analogias intrigantes: veículos celestes, rodas flamejantes, batalhas nos céus, descidas luminosas e artefatos de poder devastador. Relatos como a visão de Ezequiel, a ascensão de Elias em carruagem de fogo, ou descrições de destruições instantâneas em centros urbanos antigos, podem

ser compreendidos, dentro dessa hipótese, como tentativas de tradução pré-científica de fenômenos tecnológicos observados por sociedades incapazes de descrevê-los tecnicamente.

Não se trata de substituir ciência por mito, mas de reconhecer que o mito pode preservar memória simbólica de eventos concretos reinterpretados culturalmente. Portanto a história humana precisaria ser reconcebida. A humanidade não seria apenas produto do passado evolutivo, mas também projeto de seu próprio futuro. Seríamos simultaneamente consequência e causa; criação e criador; origem e destino entrelaçados em uma causalidade circular. Essa possibilidade redefine a própria noção de existência temporal: evoluir talvez não signifique apenas caminhar adiante, mas completar um circuito ontológico no qual o futuro continuamente recria o passado para garantir sua própria emergência. Sob essa perspectiva, a espécie humana seria a mais extraordinária manifestação de um paradoxo cósmico: somos a civilização que, ao atingir seu ápice tecnológico, retorna às origens para semear a si mesma.

*

Na Tecitura Invisível da Existência há uma ordem silenciosa sustentando todas as coisas. Uma arquitetura invisível que, embora escape aos sentidos imediatos, permeia cada acontecimento da existência. O ser humano, imerso na superficialidade

dos fatos, costuma atribuir ao acaso aquilo que não compreende, chama de coincidência aquilo cuja lógica transcende sua percepção, e nomeia como fatalidade aquilo que apenas revela a limitação de seu entendimento diante da vastidão da tecitura universal.

Não existe destino no sentido vulgarmente concebido, como uma linha rígida e inflexível que aprisiona o ser. Tampouco há coincidência, no sentido de eventos desconectados que simplesmente se cruzam sem razão. O que existe é uma malha profunda de causalidades entrelaçadas, uma inteligência organizadora que articula o visível e o invisível, o material e o imaterial, o instante presente e aquilo que, para nossa consciência limitada, ainda chamamos de futuro.

Não cai uma folha sem que sua queda esteja integrada ao grande movimento da existência. Não porque uma força arbitrária determine cada gesto mecanicamente, mas porque tudo se insere em uma lógica universal de interdependência, onde cada evento encontra sua razão de ser no encadeamento sutil do real.

A dimensão imaterial, nesse contexto, não é um espaço distante ou místico apartado da realidade concreta. Ela constitui a própria matriz de onde emerge a experiência manifesta. É nela que se tece o jogo da vida, onde as possibilidades se organizam, os encontros se alinham e as experiências se preparam como expressões necessárias ao desenvolvimento da consciência.

Mesmo os acontecimentos que nos parecem horripilantes, absurdos ou incompreensíveis

participam dessa dinâmica. Isso não significa justificar a dor, glorificar o sofrimento ou romantizar a tragédia, mas reconhecer que, no tecido complexo da existência, até o caos aparente carrega função pedagógica, corretiva ou transformadora.

A vida não opera segundo a lógica estreita do conforto humano; ela opera segundo princípios de expansão, amadurecimento e responsabilização.

Toda ação, seja luminosa ou sombria, gera consequências. Nada se perde. Nada se dissolve sem registro na economia invisível da existência. Cada gesto imprime marcas na estrutura do ser, e essas marcas inevitavelmente retornam como aprendizado, ajuste ou colheita.

É nesse ponto que muitos confundem liberdade com espontaneidade absoluta.

A tão proclamada liberdade de expressão, compreendida como autonomia irrestrita, revela-se uma ilusão quando observada em profundidade. O que dizemos, pensamos e escolhemos emerge de uma complexa rede de condicionamentos, experiências acumuladas, disposições interiores e possibilidades já inscritas no campo das probabilidades existenciais.

Isso não elimina o livre-arbítrio. Ao contrário, o redefine.

O livre-arbítrio não consiste em criar o inédito absoluto, mas em navegar conscientemente entre possibilidades já presentes na tecitura da existência. Escolhemos, sim; porém escolhemos dentro de um campo de alternativas previamente estruturado pela dinâmica universal. Nossa liberdade está na

travessia, não na criação do oceano. Cada decisão representa a atualização de uma possibilidade entre muitas outras. Nada surpreende a ordem universal, porque todas as probabilidades já habitam o horizonte do possível.

Essa compreensão altera profundamente nossa relação com o sucesso, o fracasso e, sobretudo, com a riqueza. Não existe o “ser rico” como essência. Existe apenas o “estar rico” como circunstância transitória.

A riqueza, assim como todas as condições materiais, é expressão passageira do fluxo existencial. Ela não pertence definitivamente a ninguém, pois tudo aquilo que pertence ao tempo está inevitavelmente submetido à mudança.

A fortuna move-se como as marés. Ora avança, ora recua. Ora se concentra, ora se dispersa. Seu movimento obedece à roda invisível das compensações, redistribuições e transformações que sustentam o equilíbrio do jogo vital. Hoje alguém ocupa o lugar da abundância; amanhã poderá experimentar a escassez. E aquele que hoje conhece a privação talvez seja amanhã depositário da prosperidade. Essa alternância não é mero acaso econômico, mas manifestação da impermanência que governa toda existência material.

A riqueza, em sua essência mais profunda, jamais é uma produção isolada. Nenhum ser humano constrói prosperidade sozinho.

Toda fortuna nasce da cooperação visível e invisível entre incontáveis forças: o trabalho coletivo, a herança cultural, os recursos naturais, as estruturas

sociais, o conhecimento acumulado por gerações, as circunstâncias históricas e até fatores imponderáveis que escapam ao controle individual.

O agricultor depende da fertilidade da terra e da regularidade das estações. O empresário depende da dedicação daqueles que trabalham consigo. O cientista depende de séculos de saber sedimentado. O artista depende da sensibilidade coletiva que acolhe sua obra. Tudo é relação. Tudo é interdependência. Quando a riqueza se concentra excessivamente em um único polo, rompe-se seu fluxo natural. E aquilo que deveria circular como energia vital converte-se em estagnação. A prosperidade retida adoece. A abundância que não circula perde sua vocação essencial. Porque a riqueza não é propriedade definitiva; é administração temporária.

Ela atravessa o indivíduo, mas não lhe pertence em essência. Compreender isso é libertar-se da ilusão da posse. É perceber que somos apenas guardiões transitórios daquilo que a existência nos confia por determinado ciclo.

Assim como o rio não retém para si as águas que o atravessam, o ser humano também não detém permanentemente aquilo que chama de seu.

Tudo passa. Tudo circula. Tudo retorna ao fluxo.

O verdadeiro valor da riqueza não está em seu acúmulo, mas em sua capacidade de fecundar a vida, ampliar possibilidades, gerar dignidade e promover equilíbrio.

A prosperidade compartilhada multiplica-se. A prosperidade enclausurada enfraquece-se.

No fim, a grande sabedoria consiste em reconhecer que viver é participar conscientemente dessa tecitura invisível, aceitando que somos simultaneamente agentes de escolha e fios conduzidos por uma trama maior.

A liberdade está em como atravessamos o desenho. A sabedoria está em compreender que o desenho existe. E a plenitude está em cooperar com ele.

-*-

A História Humana está basicamente ligada à história bíblica. Muitos, aliás, só conhece a história pelo viés bíblico. Então vamos percorrê-la a partir de então. No viés bíblico o que decorre é mais sobre o pecado que abrange quase que toda a narrativa assim como a redenção como forma de vencer o pecado. Que tem início com Adão e Eva no Paraíso. Como é narrado na metáfora empreendida por esses dois personagens bíblicos que, digamos, iniciam o pecado, de cunho moral, através da desobediência, motivada pela serpente que seria nada mais que a incitadora do conhecimento e da autoconsciência, em todas as manifestações boas e ruins que a autogestão disponibiliza no seu desenvolvimento. Muitos intitulam esse pecado iniciado por Adão e Eva como pecado original, mas vamos ver mais adiante que não se trata exatamente de um pecado realmente capital e sim que fica na abrangência da moralidade apenas, portanto, não afetando

necessariamente a estrutura fundamental do ser humano ou da sociedade em que está inserido.

O pecado original é de uma outra procedência e é capaz de gerir intrinsecamente as sociedades diferenças estruturais significativas e substanciais na forma social, econômica política e cultural da sociedade em curso.

Por volta do final transição da coleta para a necessidade do plantio para satisfazer as necessidades humanas, o homem teve que se fixar em determinadas áreas e muito passaram a concentrar posses, surgindo assim a propriedade privada, que carecia de que outros semelhantes passassem a trabalhar para satisfazer agora os interesses privados, em troca de condições mínimas de sobrevivência, gerando lucro e mais acumulação para o proprietário. Estava, portanto, instaurado a exploração de classe: um igual agora dono de posses, explorava outro igual que apenas detinha a mão-de-obra. E uma das primeiras formas de exploração de classes foi o escravagismo, mais tarde o feudalismo e conseqüentemente o capitalismo o qual se modernizou e hoje chamamos de neocapitalismo. Estava assim portanto decretado o verdadeiro pecado original e sobre isso a própria Bíblia não cita nada, aliás uma questão que é apoiado por todas as religiões desde sempre, como se legitimasse o processo da exploração de classes.

No que se refere à redenção, iniciando no antigo testamento onde o cidadão para se livrar dos pecados pegava um animal de sua propriedade e que não tinha nada ver com o pecado dele, era encaminhado para o sacerdote com mais algum

dinheiro que sacrificava o animal em oferendas para a expiação dos pecados da pessoa. O qual voltava feliz para a sua propriedade onde geralmente quem trabalhavam lá eram escravizados. Houve um tempo em que profetas anunciavam que um dia existiria alguém que seria imolado na própria carne para redenção dos pecados. Com a vinda de Jesus Cristo que em seu sacerdócio assumiu a este papel de se doar para a remissão dos pecados. Para se cumprir isso ele articulou-se com Judas para que nada desse errado e, portanto, foi entregue e preso pelo poder romano a pedido da classe religiosa da época. Bom, Jesus foi torturado e crucificado em nome da redenção, mas nada até hoje aconteceu, a não ser o seu exemplo de doação total além da forma de vida que pregava. Por que nada aconteceu? cabe aqui uma análise de quando Jesus estava sendo interrogado por Poncio Pilatos, em que perguntado se ele era o rei dos judeus? Jesus, deveria ter falado qualquer outra coisa, menos: "Meu reino não é deste mundo." Ou seja: devolveu para o mundo espiritual algo que tinha que acontecer aqui no plano material. Em função disso até hoje muitos esperam a sua volta, o que não ocorrerá, não forma como esperam, como todo poderoso, cheio de mágica e fantasia para resolver os males do mundo e de todos. Jesus tem voltado sim na figura de um desassistido, injustiçado, faminto ou um desvalido, mas assim ninguém que ver esses que se tornaram invisíveis na sociedade. E a redenção se toda cada vez mais uma responsabilidade de cada um, a partir do seu ínfimo. E a solução é de dentro para fora não de fora, assim não é que funciona os desígnios da vida. Segue mais um pouco sobre redenção.

A redenção nasce exatamente nesse intervalo: no espaço entre a queda e a possibilidade de elevação, entre o erro e a consciência, entre o caos e a ordem interior, entre a inércia e a necessidade da reconstrução.

Nas tradições mais antigas, a redenção surge com o mito de Adão e Eva, relatado na História Bíblica, presente na tradição judaico-cristã, que muitos entendem que a desobediência deles criou o pecado o qual é entendido como o responsável pelos males do mundo. Isso não trata apenas de um erro moral, mas do despertar da consciência humana e da iniciativa.

Ao comer do fruto do conhecimento, disponível no que era denominado paraíso e definido como proibido deu a Eles o princípio do discernimento e o ser humano passou a perceber o bem e o mal, a vida e a morte, o tempo e a responsabilidade.

A expulsão do paraíso não é apenas punição, mas o início da jornada humana no mundo da escolha, do trabalho e da dor, de que as necessidades devam ser garantidas da ação de cada um sobre a realidade do meio e da consciência da sua condição humana inserido no tempo e a responsabilidade com a vida, mas também com liberdade e suas ações no meio.

Até aqui aparentemente está tudo certo. Mas um detalhe nós alertamos que com toda essa condição de descobertas o homem, entre os erros e acertos, aglutinou na sua condição o egoísmo e a ganância que para satisfazer esses sentimentos foi necessário fomentar a ignorância, não no sentido de não ter informação, mas o da alienação e a manipulação da

narrativa para satisfazer os próprios interesses e necessidades.

Com a escassez de elementos necessários para a sobrevivência no meio em que estavam inseridos surgiu a necessidade de produzir e acumular. Para isso foi necessário a reorganização dos seres em uma sociedade ainda que primitiva, mas em que previa a condição da divisão das atividades e funções propiciando aos mais espertos a função de controlar as atividades de outros iniciando, portanto, o princípio da divisão da comunidade primitiva em classe e a posse dos meios para a sucessão em curso dando início assim ao princípio da propriedade privada. Para esse processo vigorar foi necessário a manipulação e a exploração de um igual sobre os outros que no início se tratava da imposição da escravatura. Nascendo assim, historicamente, as mais diferentes relações de classes onde uma minoria submete a exploração sobre a maioria. Situação essa identificada na atualidade como a sociedade mais perversa da humanidade que denominamos sistema capitalista.

Essa condição, sim, definido como pecado original e está aí o surgimento de todas as injustiças e dos males que assolam o mundo até hoje. Onde um para defender e acumular lucro justificam a exploração sobre os outros que são submetidos às mais variadas injustiças, barbáries e distopias. Sobretudo com o uso e a submissão a esse pecado usando o nome de Deus.

Em mitologias antigas, o ser humano é frequentemente descrito como alguém que se

afasta da ordem cósmica e, por isso, precisa empreender uma jornada de retorno.

A redenção, portanto, não é um evento isolado, mas um processo: um movimento de retorno à harmonia perdida, agora não mais pela inocência, mas pela consciência.

Mas vejamos: Segundo a História Bíblica, na antiguidade o cidadão para obter a sua redenção e eliminar os seus pecados, escolhia um animal, existente em sua propriedade, que não tinha nada a ver com os pecados do seu dono, era oferecido ao sacerdote para sacrificar em oferenda à Deus em troca de limpar os pecados do proprietário. E assim ocorria o procedimento e a pessoa ia de volta para sua moradia convicto de estava livre dos pecados. Cabe lembrar que na grande maioria de cunho moral. Porque lá nas suas posses mantinham semelhantes escravizados, os quais eram a força de trabalho de sua propriedade que o enchia cada dia de lucros com o resultado de seus trabalhos principalmente escravo.

Nas tradições hebraicas, a redenção assume um caráter coletivo e histórico.

O Êxodo, a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito, é um dos símbolos mais fortes dessa ideia. Redimir, aqui, não significa apenas salvar almas individuais, mas libertar um povo inteiro de estruturas de opressão.

No cristianismo, a história da redenção atinge seu ponto central na figura de Jesus Cristo. Ele não vem apenas para ensinar, mas para encarnar a própria possibilidade de reconciliação entre o humano e o

divino. A cruz, símbolo máximo de sofrimento e injustiça, transforma-se em símbolo de amor radical e entrega total.

Cabe aqui revisitar a História de Jesus Cristo, que foi anunciado por muito tempo por profetas, falando que Jesus daria a redenção a todo povo. Imbuído dessa condição, quando Jesus iniciou a praticar o seu sacerdócio, deixava claro que para existir a redenção era necessário que o sacrifício deveria ser do próprio homem a ponto de se prontificar para ser ele. Bem, como todos conhecem a História de Jesus Cristo, vou me ater na concepção de como se deu a organização da ideia da sacraficação de Jesus e os desdobramentos do fato. Jesus estando convicto da necessidade do seu sacrifício e para que a sua ação pudesse ser realmente realizada, articulou com Judas, o qual tinha maior condição de discernimento por ter estudado e está articulação consistia na entrega de Jesus por Judas aos romanos, mesmo sabendo que seria uma ação o levaria para o obscurantismo Histórico.

Tudo ocorreu desde a entrega, prisão, condenação e crucificação. Agora de fato ocorria o sacrifício de um homem que previamente preparado sabia da importância do ato para a humanidade a de ser imolado pela remissão dos pecados em contraponto à realização da redenção e eliminação dos pecados da antiguidade relatado no Velho Testamento. Quando falamos que a redenção além de pessoal, também tem que expressar o coletivo está correto, mas não basta. Por sermos corpo e alma, matéria e espírito a redenção também tem que estar disponível para os dois níveis, portanto o objetivo prático do sacrifício de Jesus de certa forma não foi

atingido pelo fato de que quando Jesus estava sendo interrogado por Poncio Pilatos, que perguntou a Jesus Cristo se ele era o Rei dos Judeus, Neste momento deveria ter dito qualquer outra coisa, menos: "Que o meu Reino não é deste mundo", direcionando assim o ato da redenção para o campo espiritual, onde, para as coisas acontecerem depende da ação no plano material. Portanto diluindo a ação completa do processo da redenção. Que é o que acontece hoje. As pessoas entendem que a situação da salvação se dará só depois que morrer. Se apegam à promessa de que Jesus voltará para que de forma vislumbrante e mágica, conceder a salvação para as pessoas. O que não acontecerá. Bem, aproveitando esse conceito, de certa forma Jesus tem retornado incontáveis vezes, toda vez que deparamos com um injustiçado, um faminto ou um desamparado.

A ideia de que Jesus voltará é o exemplo conceitual concreto de que usamos a concepção de Deus e a figura de Jesus Cristo como muletas, expressados no tamanho da nossa dor, do medo ou da ignorância.

A submissão ao círculo da rotina, dosada da carência de informações adequadas e deficiência na compreensão da nossa própria História e do meio a que estamos inseridos, não permitem que tenhamos um nível de consciência mais aguçada. Fazendo com que esqueçamos da nossa própria essência, mas que somos extremamente capazes, basta acessar o interior e acordar a divindade disposta em nosso íntimo, consolidando assim a redenção que é fruto e responsabilidade de cada um.

A redenção não depende apenas de rituais externos ou do cumprimento mecânico da lei, mas de uma transformação interior. “Rasgai o coração, e não as vestes”, dizem eles. Surge a ideia de que o verdadeiro exílio não é apenas geográfico, mas espiritual, e que a libertação começa dentro do próprio ser humano.

A reflexão interna nos mostram que as leis religiosas, nesse contexto, surgem como instrumento de redenção. Elas não existem apenas para punir, mas para educar, organizar e orientar. O ser humano redimido é aquele que aprende a viver em justiça, responsabilidade e cuidado com o outro. A redenção passa, então, pela ética, pela convivência e pela construção de uma sociedade mais justa e disposto a lutar sempre pelo fim da exploração de uns sobre os outros.

Essa visão prepara o terreno para uma compreensão mais radical da redenção: ela não é apenas política ou moral, mas existencial. O ser humano precisa ser reconciliado consigo mesmo, com o outro e com o sagrado.

A redenção segundo o conceito cristão não ocorre pela força, pela imposição ou pelo medo, mas pelo amor. Um amor que perdoa, que acolhe, que se oferece. A ressurreição simboliza a vitória da vida sobre a morte, da esperança sobre o desespero, e afirma que nenhum erro humano é maior do que a possibilidade do recomeço.

Aqui, a redenção deixa de ser apenas uma promessa futura e passa a ser uma experiência possível no presente. Cada gesto de perdão, cada ato de compaixão, cada escolha consciente pela vida já é,

em si, um ato redentor. E isto só será capaz se mergulharmos em nós mesmo e pulsar de volta a nossa essência.

Com o avanço do pensamento filosófico e científico, a redenção começa a ser compreendida também como responsabilidade humana. Filósofos como Kant, Hegel, Nietzsche e, mais tarde, os existencialistas, deslocam o eixo da redenção do céu para a terra. O ser humano não pode mais esperar passivamente por uma salvação externa; ele deve assumir a tarefa de se transformar. Nesse contexto, a redenção passa pelo autoconhecimento, pela ética e pela liberdade. Redimir-se é assumir as consequências das próprias escolhas, reconhecer os erros e agir de forma consciente para não os repetir. Não se trata mais de apagar o passado, mas de integrá-lo de maneira madura.

As grandes guerras, os genocídios e as crises do século XX colocaram em xeque a ideia de redenção fácil ou automática. Como falar em salvação após Auschwitz, Hiroshima e tantas outras tragédias e distopias? A resposta de muitos pensadores foi dura, mas honesta: a redenção não é garantida, ela é frágil, e pode falhar.

Ainda assim, mesmo nos momentos mais sombrios, surgem sinais de redenção: pessoas que salvam outras pessoas, gestos de solidariedade em meio ao horror, resistência ética diante da barbárie. A redenção, aqui, não é grandiosa, mas silenciosa. Ela acontece em pequenos atos de humanidade que impedem o mundo de desabar completamente.

A redenção é galgada quando passamos a compreender que as distopias que ocorrem no

mundo e na sociedade são males necessários. Os quais educam o corpo e o espírito para lidar de forma ativa ou passiva com a realidade em curso, tudo por um propósito maior.

Hoje, a história da redenção humana continua sendo escrita. Vivemos em um mundo marcado por desigualdades, crises ambientais, conflitos ideológicos e um profundo vazio existencial. A redenção já não pode ser pensada apenas em termos religiosos tradicionais, mas também como consciência planetária.

A religião deveria acolher e instrumentalizar as pessoas para lidarem com as formas do autoconhecimento e o despertar de novas consciências. Mas Historicamente refletem enquanto instituições de poderes agem como modeladoras da consciência, da moral e manipulam a fé das pessoas para aceitarem os sistemas e regimes vigentes das sociedades e garantia dos seus próprios interesses filosóficos ou institucionais.

Redimir-se, no presente, significa reconhecer que nossas ações têm impacto coletivo. Significa compreender que o ser humano não é dono da Terra, mas parte dela. A redenção passa pelo cuidado, pela empatia, pela responsabilidade social e ambiental, e pelo entendimento de que ninguém se salva sozinho. Mesmo porque a salvação não é ir para o céu depois de morto, mesmo porque o céu não existe e é sim um estágio da consciência. A consciência e sobretudo a capacidade de se reconhecer, se respeitar e estar inserido no meio de forma inclusiva.

A história da redenção humana não é e nem sempre foi uma linha reta, nem um evento único. Ela é um processo contínuo e necessária, feito de quedas e reerguimentos, de erros e aprendizados. Redenção não é perfeição, é consciência em movimento. É a capacidade humana de olhar para si mesma, reconhecer suas sombras e, ainda assim, escolher a luz.

Enquanto houver um ser humano disposto a rever seus caminhos, a perdoar, a aprender e a amar, a história da redenção continuará viva. Não como uma promessa distante, mas como uma possibilidade real, inscrita no coração da própria condição humana e inserida em cada um como níveis e estágios de consciência. Ou seja: A redenção é responsabilidade de cada um e que ninguém de fora por mais empatia que tenha não vai resolver para o outro

-*-

Ao longo da história, a figura de Jesus Cristo foi progressivamente associada à ideia de uma instituição religiosa organizada, com hierarquias, dogmas, templos e sistemas de poder. No entanto, quando se retorna às narrativas mais antigas sobre sua vida e seus ensinamentos, especialmente na forma de vida, emerge uma compreensão bastante distinta: Jesus não pregava a criação de uma igreja institucional, mas sim uma transformação profunda do modo de viver, de sentir, de se relacionar e de perceber a realidade.

Seu ensino era essencialmente vivencial, prático e ético, voltado para o cotidiano das pessoas comuns. Ele falava de perdão, compaixão, justiça, partilha, desapego, humildade e amor ao próximo e a inserção no meio.

Quando Jesus dizia "o Reino de Deus está entre vós ou o Reino de Deus está dentro de vós", ele deslocava completamente a ideia de espiritualidade no campo da consciência e da ação humana. O Reino não era um lugar, nem uma organização, nem algo que pudesse ser delimitado por paredes, cargos ou rituais. Era um estado de consciência, um modo de viver alinhado com amor, acolhimento, empatia, verdade e justiça.

Caminhava com pecadores, marginalizados, doentes, estrangeiros e considerados impuros pela religião da época. Isso, por si só, já representava uma crítica direta às estruturas religiosas que se colocavam como intermediárias exclusivas entre Deus e o ser humano. E que ninguém precisava de autorização para viver o sagrado, pois se manifestava na forma empática com o outro.

Em diversas ocasiões, Jesus entrou em conflito com líderes religiosos exatamente por denunciar o formalismo vazio da religião. Ele criticava duramente aqueles que seguiam rituais, leis e tradições, mas eram incapazes de praticar a misericórdia, a empatia e a justiça.

A famosa frase: "onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali estarei", reforça essa ideia. Não há menção a templos, cargos ou instituições. O nome de Jesus não se refere a um rótulo religioso, mas à vivência de seus valores. Onde

há amor, solidariedade, verdade e compaixão, ali estaria sua presença.

Jesus nasceu, cresceu, trabalhou, sentiu medo, indignação, compaixão e tristeza. Viveu sob as mesmas pressões sociais, políticas e econômicas que qualquer pessoa simples de seu tempo. Experimentou a fome, o cansaço, a incompreensão e a rejeição. Essa condição humana não diminui sua mensagem; ao contrário, é exatamente ela que a torna potente. O valor do que ele ensinou está no fato de ter sido vivido dentro das limitações da existência humana.

Ao observar Jesus como homem, percebe-se que sua força não vinha de um poder sobrenatural imposto de fora, mas de uma consciência ampliada, construída a partir da escuta interior, da coerência entre palavra e ação e de uma profunda empatia pelo sofrimento humano. Ele não se colocava acima das pessoas; colocava-se ao lado. Sentava-se à mesa com os excluídos, dialogava com mulheres em uma sociedade que as silenciava, tocava os doentes quando o toque era proibido e confrontava estruturas injustas sem recorrer à violência.

Quando o divino é imposto, ele pode gerar medo, culpa e submissão. Quando o humano é reconhecido, ele inspira. O Jesus homem não impõe regras; provoca reflexão. Não promete recompensas futuras para justificar sofrimentos presentes; chama à transformação agora, no modo de pensar, sentir e agir. Seu reino não é um lugar distante, mas um estado de consciência que se manifesta nas relações humanas.

Ver Jesus como homem também devolve ao indivíduo a responsabilidade por sua própria caminhada. Se tudo depende de um ser divino externo, o ser humano se torna passivo. Mas se Jesus foi alguém que alcançou um alto nível de consciência vivendo como humano, então sua vida se torna um espelho, não um pedestal. Ele mostra que é possível viver com dignidade, amor e lucidez mesmo em meio à dor, à injustiça e à impermanência.

Nesse sentido, Jesus não é inatingível. Ele é profundamente possível. Sua grandeza não está em ser adorado como um ser distante, mas em ser compreendido como alguém que encarnou, de forma radical, aquilo que todo ser humano pode desenvolver: consciência, responsabilidade e amor ativo. O Jesus homem não afasta; aproxima. Não oprime; liberta. Não impõe; inspira. Assim, ao invés de um Cristo externo, imposto por dogmas, surge um Jesus interno, reconhecido pela experiência. Não um salvador que substitui a ação humana, mas um exemplo que desperta o humano à sua própria capacidade de transformação. É nesse Jesus que a mensagem se torna viva, concreta e verdadeiramente transformadora.

Assim, pode-se afirmar que ele não veio fundar uma igreja, mas inspirar uma forma de vida. Uma vida consciente, ética, compassiva e comprometida com a dignidade humana. A verdadeira igreja, sob essa perspectiva, não é um edifício nem uma instituição, mas o ser humano em transformação, vivendo o amor como prática diária e não apenas como discurso. E para encontrar tudo isso basta mergulhar

no seu interior, compreender e despertar o divino que sempre esteve dentro de você.

A noção de igreja como instituição surge apenas posteriormente, sobretudo após a morte de Jesus, quando seus seguidores sentiram a necessidade de organizar, preservar e transmitir seus ensinamentos em meio a contextos políticos e culturais complexos. Com o tempo, essa organização foi se institucionalizando, adquirindo poder, dogmas fixos e estruturas rígidas. Embora isso tenha permitido a expansão do cristianismo, também acabou, muitas vezes, distanciando-se do espírito original da mensagem de Jesus. Principalmente após a realização do concílio de Niceia.

O Concílio de Niceia foi o primeiro grande concílio ecumênico da história do cristianismo e ocorreu no ano 325 d.C., na cidade de Niceia, localizada na Bitínia (atual Iznik, na Turquia). Ele marcou profundamente os rumos da doutrina cristã e da relação entre Igreja e Estado no Império Romano.

Organizado pelo imperador romano Constantino I. Embora não fosse teólogo nem clérigo, Constantino desempenhou papel central na sua realização. Após legalizar o cristianismo por meio do Édito de Milão (313 d.C.), o imperador percebeu que as profundas divisões internas entre os cristãos ameaçavam a estabilidade política e social do império.

A principal controvérsia que motivou o concílio foi a chamada crise ariana, originada dos ensinamentos do presbítero Ário, de Alexandria. Ário defendia que Jesus Cristo não era eterno nem da mesma substância que Deus Pai, mas uma criatura criada por Ele. Essa doutrina gerou intensos conflitos entre

bispos, comunidades cristãs e regiões inteiras do império.

Preocupado com a unidade religiosa que ele via como essencial para a unidade política, Constantino convocou cerca de 300 bispos (a maioria do Oriente, mas também alguns do Ocidente) para debater e resolver essas divergências. O imperador financiou as viagens, hospedagem e infraestrutura do concílio e presidiu sua abertura, exercendo forte influência sobre seus desdobramentos, ainda que não votasse formalmente nas decisões teológicas.

Quando Jesus Cristo é apresentado exclusivamente como uma figura divina, distante e absoluta, sua mensagem corre o risco de soar externa à experiência humana, inalcançável ou até imposta como um ideal que não pode ser vivido. No entanto, quando olhamos para Jesus como homem, sua trajetória deixa de ser um dogma e passa a ser um caminho. Não um modelo perfeito para ser venerado à distância, mas uma forma de viver que pode ser praticada no cotidiano.

Os resultados do Concílio de Niceia foram decisivos e duradouros para o cristianismo:

1. Condenação do arianismo. O concílio rejeitou oficialmente as ideias de Ário. Foi afirmado que Jesus Cristo não era uma criatura, mas verdadeiramente divino, eterno e não criado. Ário foi condenado como herege, seus escritos foram proibidos e ele foi exilado.

2. Definição da divindade de Cristo Um dos pontos centrais foi a afirmação de que o Filho é da mesma substância (homo ousios) que o Pai. Esse termo foi

crucial para estabelecer a igualdade plena entre Deus Pai e Jesus Cristo, rejeitando qualquer forma de hierarquia ontológica entre eles.

3. Formulação do Credo Niceno O concílio produziu a primeira versão do Credo Niceno, uma declaração de fé que se tornaria a base da doutrina cristã ortodoxa. Esse credo estabeleceu os fundamentos da cristologia oficial e passou a ser usado como critério de ortodoxia dentro da Igreja.

4. Unificação doutrinária da Igreja Embora não tenha eliminado todos os conflitos (o arianismo continuou ativo por décadas), o concílio representou a primeira grande tentativa de impor uma doutrina universal ao cristianismo, válida para todo o império.

5. Definições disciplinares e administrativas Além das questões teológicas, o concílio estabeleceu 20 cânones (regras) sobre disciplina e organização da Igreja, tratando de temas como a autoridade dos bispos, a reconciliação de cristãos que haviam renegado a fé durante perseguições e a uniformização da data da celebração da Páscoa.

6. Fortalecimento da aliança entre Igreja e Estado O Concílio de Niceia simbolizou um ponto de virada histórico: a Igreja deixou de ser uma comunidade marginalizada e passou a contar com o apoio direto do poder imperial. A partir dali decisões teológicas passaram a ter também implicações políticas, e a unidade da fé tornou-se um assunto de interesse do Estado.

O Concílio de Niceia não apenas definiu dogmas centrais do cristianismo, mas também inaugurou um novo modelo de cristianismo institucionalizado,

hierárquico e alinhado ao poder político. Ele estabeleceu precedentes para futuros concílios e moldou profundamente a teologia, a liturgia e a estrutura da Igreja pelos séculos seguintes. Mais do que um simples encontro religioso, Niceia foi um marco civilizacional, no qual fé, poder e doutrina passaram a caminhar de forma inseparável, influenciando a história do Ocidente até os dias atuais. Foi a partir daí que Jesus passou a ser considerado meramente divino e o processo do cristianismo, em acordo com os valores e interesses do Estado, conseqüentemente transformado em uma instituição de poder e que passou a selecionar aquilo que era destinação do povo e que não afetasse os interesses do governo vigente.

Jesus não convidava pessoas para aderirem a uma religião, mas a seguirem um caminho. A palavra seguir aqui não significa obediência cega, mas concepção de um modo de ser. Segue-me, era um chamado à transformação interior, à revisão de valores, ao abandono do egoísmo e da indiferença. Era um convite a viver de forma mais plena, justa e amorosa. Principalmente a consciência e a compreensão de si. O que exigia responsabilidade pessoal. Jesus não prometia salvação automática por pertencimento institucional, mas apontava que cada pessoa seria reconhecida pelos frutos produzidos. Ou seja, não importa o discurso, a crença formal ou a filiação religiosa, mas a prática concreta da vida.

Quando Jesus lava os pés de seus discípulos, ele rompe com qualquer ideia de hierarquia espiritual baseada em poder. Ele ensina que grandeza está no servir, não no dominar. Esse gesto simbólico

contradiz frontalmente modelos religiosos centralizados na autoridade e no controle, reforçando que o verdadeiro ensinamento de Cristo é um estilo de vida baseado no serviço e na humildade.

Compreender Jesus, apenas como fundador de uma igreja é escamotear a profundidade de sua mensagem. Ele foi, antes de tudo, um educador da consciência, um provocador de mudanças internas, de autoconhecimento e de ações de transformações sociais, alguém que convidava as pessoas a viverem de modo humano, solidário e desperto.

Jesus, não está em um espaço específico ou na repetição fórmulas prontas, mas encarnar seus ensinamentos no cotidiano: no modo como se lida com o próximo, com o sofrimento alheio, com as injustiças, com o perdão e com as próprias escolhas. É transformar a vida em um espaço sagrado, onde cada atitude reflete coerência entre aquilo que se diz e aquilo que se vive.

Jesus, homem, histórico é muito mais poderoso porque é a expressão interna para fora e retomar seus ensinamentos nestes aspectos é fundamental. Jesus como Deus é imposição portanto ineficiente para o propósito e desenvolvimento do viver...

*

Desde os primórdios da humanidade, o ser humano busca explicar sua dor, sua esperança, seus medos e suas aspirações por meio de símbolos. Entre os mais

poderosos desses símbolos estão o céu e o inferno. Durante séculos, eles foram apresentados como destinos, lugares físicos ou espirituais para onde as almas iriam após a morte. No entanto, à medida que a consciência humana se expande, surge uma compreensão mais profunda: céu e inferno não são espaços externos, mas experiências internas, estados mentais, emocionais e espirituais que vivenciamos ao longo da vida.

O inferno não é um reino de fogo eterno, mas o estado de ausência e de ignorância sobre si mesmo, de aprisionamento no medo, na culpa, no ódio e na dor não elaborada. É o estágio da consciência em que o indivíduo se sente separado de tudo: do outro, da vida, do sentido e de si mesmo. Nesse nível, a pessoa vive dominada por impulsos automáticos, por condicionamentos herdados, por traumas não resolvidos e por crenças que limitam sua percepção da realidade e passíveis de manipulação.

Quando alguém vive no inferno da consciência, o mundo lhe parece hostil. Tudo é ameaça, competição e escassez. As relações se tornam campos de batalha, e o sofrimento é projetado sempre para fora: o culpado é o outro, o sistema, o destino, Deus ou o acaso. Nesse estágio, há pouca ou nenhuma autorresponsabilidade. A dor existe, mas não é compreendida; apenas reproduzida. O inferno, portanto, não pune: ele revela a ausência de lucidez.

Ao citar Deus aqui, devo enfatizar que o Deus por tempos e por todos preconizados, não existe. Ele é a concepção de cada um segundo o tamanho da sua dor, sua fé e da sua ignorância. Digo ignorância porque tudo que não entendemos, muitas vezes por

não buscarmos a compreensão, devotamos a Deus. É como que esperarmos um poder externo, um mágico no papel de criador ou que vá solucionar os problemas ou manipular elementos que sob que nosso saber não acha razão a justificativa de ser.

O céu, por sua vez, não é um prêmio concedido após a morte, nem um local distante reservado aos “bons”. O céu é um estado de integração, um nível de consciência em que o ser humano começa a perceber a unidade da vida. Nesse estágio, há clareza, presença e aceitação e inclusão. Não porque a dor desapareceu, mas porque ela foi compreendida, acolhida e transformada em aprendizado. Cabe dizer também que a morte não existe para quem compreende que nós não somos carne. Nós estamos carne. Porque a carne é por um período existencial e que fica é o espírito e que é eterno. Portanto a morte não é o fim, mas um ciclo na consolidação e evolução do propósito.

Viver o céu é experimentar paz interior mesmo em meio às dificuldades. É agir com responsabilidade emocional, compreender que cada escolha gera consequências e que a liberdade verdadeira nasce do autoconhecimento. Nesse nível de consciência, o indivíduo deixa de reagir descontroladamente e passa a responder com discernimento. Ele não é refém das circunstâncias; ele participa conscientemente da construção da própria realidade.

Entre o céu e o inferno não existe um abismo fixo, mas uma escala de consciência. O ser humano transita por esses estados diariamente, às vezes no mesmo dia, às vezes no mesmo instante. Um

pensamento pode nos lançar no inferno; uma compreensão pode nos elevar ao céu. Não se trata de moral, mas de percepção. Quanto mais inconsciente é o indivíduo, mais sofrimento ele gera e absorve. Quanto mais consciente, mais harmonia e interações ele constrói ao seu redor.

Essa compreensão desmonta a lógica do medo como ferramenta de controle. Quando o céu e o inferno são vistos como lugares externos, o ser humano entrega sua autonomia, vivendo para agradar ou evitar punições. Mas quando compreende que ambos são estados internos, ele assume a responsabilidade por sua própria evolução. Não há juiz externo condenando ou salvando: há consciência despertando ou adormecida.

O inferno é o estágio em que o ego governa absoluto, onde a identidade está presa a rótulos, posses, crenças rígidas e histórias de dor. Se baliza pelo egoísmo impulsionado pela ganância e à mercê da ignorância. O céu é o estágio em que o ego deixa de ser o centro e passa a ser instrumento. O egoísmo e a ganância dissipam e a ignorância é substituído pela compreensão. A vida deixa de ser apenas sobrevivência e passa a ser expressão. O amor deixa de ser troca e passa a ser estado de ser. E a consciência passa a fluir reverberando a sensatez.

Esse entendimento também nos convida à compaixão. Quando percebemos que alguém age a partir de um estágio inferior de consciência, deixamos de vê-lo como inimigo e passamos a vê-lo como alguém aprisionado em seu próprio inferno

interno. Isso não justifica atos nocivos, mas amplia nossa compreensão. O mal não nasce da essência, mas da inconsciência.

Evoluir espiritualmente não é fugir do mundo, mas iluminar o mundo interior. É descer às próprias sombras, reconhecer medos, feridas e contradições, e integrá-los à consciência. Cada sombra integrada é um pedaço de inferno que se dissolve. Cada insight, cada ato consciente, cada escolha alinhada com valores mais elevados é um passo em direção ao céu. Apesar que falo que o problema não na questão do bem e o mal, porque de alguma forma eles se entrelaçam no desenvolvimento dos propósitos e na relação da construção e desconstrução necessária para as coisas acontecerem.

O céu não é perfeição; é lucidez. O inferno não é condenação; é ignorância. Ambos são professores. Um ensina pela dor, o outro pela compreensão e o amor. A travessia entre eles é o processo de amadurecimento e do movimento de consolidação da consciência humana.

Quando compreendemos isso, a vida deixa de ser uma espera por recompensa futura e passa a ser um campo de aprendizado contínuo. O céu e o inferno deixam de ser promessas ou ameaças e se tornam mapas internos, indicadores do nível de consciência em que estamos operando.

No fim, não vamos para o céu ou para o inferno. Nós despertamos para um ou permanecemos presos no outro. E esse processo não acontece depois da morte, mas no presente momento, a cada pensamento, a cada emoção e a cada escolha.

A culpa nasce no mundo das convenções humanas. Ela é criada dentro das estruturas sociais, morais, religiosas e jurídicas que organizam a convivência e preservam a continuidade da vida coletiva. Nesse plano da realidade, o ser humano é acusado, julgado e responsabilizado sempre que suas ações ameaçam a ordem, a estabilidade ou os valores sustentados por determinada sociedade ou denominação. A culpa, portanto, torna-se um instrumento de manutenção da estrutura do mundo humano.

Entretanto, no campo mais profundo da providência — onde se tece silenciosamente o jogo da vida — a ideia de culpa assume outra dimensão. Nesse nível, não existe propriamente o “culpado” absoluto, porque cada indivíduo participa de uma imensa trama existencial em que suas ações emergem dentro do fluxo da própria experiência da existência. Cada ser cumpre um papel dentro da tecitura invisível do universo, movendo-se entre circunstâncias, influências, limitações, desejos, consciências e escolhas que se entrelaçam desde antes de sua percepção imediata.

Isso, porém, não significa ausência de responsabilidade. Pelo contrário. A responsabilidade continua existindo porque o ser humano experimenta o livre-arbítrio dentro da própria trama

da vida. Ainda que inserido em um grande encadeamento providencial, ele escolhe, decide, interfere e produz consequências. E são exatamente essas consequências que retornam como aprendizado, ajuste e transformação.

A culpa, então, pode ser vista como uma criação psicológica e social; já a responsabilidade pertence a uma ordem mais profunda da existência. A culpa aprisiona o indivíduo ao passado através do julgamento. A responsabilidade, por outro lado, conduz à consciência das consequências e ao amadurecimento do ser.

Sob essa perspectiva, o universo não opera pela lógica simplista da condenação eterna, mas pela dinâmica do aprendizado contínuo. Cada ação humana gera repercussões inevitáveis, não como punição arbitrária, mas como resposta natural ao movimento das escolhas realizadas. Assim, o homem não escapa dos efeitos de seus atos, porém deixa de ser apenas um “culpado” para tornar-se um participante consciente do grande processo evolutivo da existência.

Talvez por isso a providência não julgue da mesma forma que os homens. Enquanto a sociedade condena para preservar suas estruturas, a existência apenas reorganiza os caminhos para que a consciência desperte através da experiência.

-*-

Este texto com linguagem filosófico-espiritual, tratando da ideia de que, segundo a lei maior, as distopias do mundo podem ser compreendidas como um mal necessário dentro do processo de lapidação da consciência da carne e do espírito, sem apologia à violência, mas como leitura existencial do sofrimento, da dor e seus desdobramentos.

Ao longo da história humana, a pergunta que mais ecoa no silêncio da mente de cada um é sempre a mesma: por que existe tanto sofrimento no mundo? Violência, guerras, fome, injustiças e doenças que parecem gritar contra qualquer ideia de ordem, sentido ou providência. À primeira vista, tais realidades se apresentam como provas irrefutáveis de um mundo abandonado à própria crueldade. Contudo, sob uma leitura mais profunda, não moralista, nem ingênua, emerge outra possibilidade de compreensão: a de que essas dores, embora terríveis, integram um processo maior de lapidação da consciência, tanto da carne quanto do espírito, no caminho do propósito da existência.

Segundo a lógica da Providência ou a lei do amor, a existência não se resume ao conforto, à estabilidade ou à ausência de dor. O mundo não é um paraíso pronto, mas um campo de experiência, um laboratório vivo e real onde a consciência se confronta com seus próprios limites, sombras e escolhas. A matéria, representada pela carne, carrega instintos primitivos, desejos de dominação, medo da escassez e apego ao poder. O espírito, por sua vez, carrega a semente da empatia, da justiça, da cooperação e do amor universal. O conflito entre esses dois polos é inevitável e é justamente desse atrito que nasce a possibilidade de evolução

principalmente no campo espiritual que só aprende através do experimento pois pela observação acaba sendo uma dádiva de quando está encarnado.

A violência, por exemplo, não surge do nada. Ela é a manifestação extrema da incapacidade de lidar com o outro como igual. Cada ato violento revela uma consciência ainda imersa no estágio da separação, onde o "eu" se sobrepõe ao "nós". À luz da Providência e a lei do amor, tais atos não são desejados, mas permitidos, pois, expõem de forma crua aquilo que precisa ser transformado. A violência escancara o quanto ainda somos governados pelo medo e pela ignorância, e ao fazê-lo, convoca a humanidade a desenvolver compaixão, leis, ética e responsabilidade coletiva principalmente meios de intervenção para soluções, mesmo porque poderia ocorrer a omissão.

As guerras seguem a mesma lógica ampliada. Elas são o retrato da infância moral da humanidade, onde nações se comportam como indivíduos imaturos, disputando território, recursos e poder. Cada guerra deixa um rastro de dor, mas também um acúmulo de consciência histórica. Após cada grande conflito, surgem tratados, organizações internacionais, declarações de direitos e novos entendimentos sobre a dignidade humana. O preço é alto, chega a ser insuportável — mas o aprendizado coletivo que emerge dessas ruínas revela o movimento lento e doloroso da consciência em direção a níveis mais elevados de compreensão necessário para o propósito e a evolução.

A fome, por sua vez, talvez seja uma das mais contundentes provas de que o sofrimento humano

não é fruto da falta, mas da má distribuição. O planeta produz o suficiente para todos, mas a fome persiste como denúncia viva da desigualdade e da indiferença. Dentro da perspectiva da Providência, a fome não existe para destruir, mas para revelar: ela expõe sistemas injustos, consciências anestesiadas e estruturas que privilegiam poucos à custa de muitos. Cada criança faminta é um espelho moral colocado diante da humanidade, perguntando silenciosamente até quando aceitaremos esse estágio de consciência necessário para superar e suplantar a questão, onde a cultura do lucro vale mais que qualquer outra definição.

As injustiças sociais operam de forma semelhante. Elas não são falhas acidentais do mundo, mas sintomas de um nível de consciência ainda fragmentado. Sempre que um grupo oprime outro, a Providência permite que essa dinâmica se manifeste para que suas consequências se tornem visíveis e insustentáveis. Movimentos sociais, revoluções éticas e avanços nos direitos humanos nascem justamente da saturação da injustiça. O sofrimento, nesse contexto, atua como catalisador do despertar individual e coletivo capaz de acumular o aprendizado possível para a construção de uma sociedade onde dissipe tudo isso de vez.

As doenças, por fim, tocam a dimensão mais íntima da experiência humana: a finitude do corpo. A carne adoece para lembrar que não é absoluta, que não é eterna, que não é autossuficiente. A doença quebra a ilusão de controle, obriga à pausa, ao silêncio, à reflexão. Muitas vezes, ela promove transformações profundas no modo de viver, de sentir e de se relacionar com o mundo. Sob o olhar da Providência,

a doença não é punição, mas mensagem, um chamado à escuta interior, ao cuidado, à humildade e, em muitos casos, à compaixão para com a dor alheia. Um processo de aprendizado e umas brechas de oportunidade para medir a caminhada da evolução.

Importante compreender que chamar essas atrocidades de "mal necessário" não significa glorificá-las ou aceitá-las passivamente. Pelo contrário. O sofrimento só cumpre seu papel transformador quando provoca consciência, ação ética e responsabilidade. Quando o ser humano compreende que ele próprio é coautor da realidade que habita, nasce a verdadeira maturidade do corpo e espiritual.

A Providência não age substituindo a humanidade, mas educando-a através das consequências de suas próprias escolhas. Cabe dizer aqui que em todo esse conteúdo não existe culpa. Ninguém é culpado de ter causado alguma intercorrência que possibilitou machucar pessoas ou degradar elementos do meio. O que existe é a responsabilização. Não somos culpados pelos atos, mas somos responsabilizados pela ação.

O propósito da existência, portanto, não é evitar toda dor, mas transcendê-la em compreensão. A carne aprende por impacto e significado; o espírito aprende por experimento e vivência. Enquanto a consciência estiver adormecida, a dor continuará sendo a linguagem mais direta do aprendizado. À medida que a consciência se expande, a necessidade da dor diminui, pois o entendimento passa a guiar as ações antes que o colapso aconteça

e mesmo porque terá discernimento do porquê do colapso.

Assim, o mundo, com todas as suas atrocidades, não é um erro, mas um estágio. Um estágio duro, imperfeito e inacabado, onde cada sofrimento carrega, em potência, a possibilidade de despertar. A Providência ou a lei do amor não elimina o mal de imediato porque sabe que a consciência sustentável não nasce da imposição, mas da vivência e do experimento. E é nesse lento processo de lapidação, áspero para a carne, esclarecedor para o espírito, que a humanidade caminha, tropeçando, aprendendo e, aos poucos, lembrando quem realmente é. E aqui está a verdadeira condição que é de se compreender e fazer fluir a essência de cada um para embasar um novo tipo de situação, de relação possível para um mundo e uma sociedade igualitária em que todas essas deficiências dissipam.

*

Para continuar entendendo os conceitos que aqui descrevo, primeiro precisamos entender que tudo é energia e que somos transcendentais. Somos um conjunto de elementos a começar pelo corpo (matéria), consciência e inconsciente. Mais a alma(imaterial) – uso sempre imaterial que para não confundir com religião, porque não se trata de fé, fantasia ou mágica e sim de lógica e amor - Matéria e energia, visível e invisível, consciência e inconsciente que somos funcionam interligados. Tendo isto em mente podemos compreender que de ciclos em ciclos o imaterial separa-se da matéria e segue para um novo ciclo de reencarnação sucessivamente por toda a eternidade(...) A matéria

se decompõe e retorna ao mundo dos átomos, onde vai compor outras propriedades. A energia adquirida durante o ciclo da existência se acopla no cosmo, onde um susceptível poderá contatar como um mediúnico ou parapsicólogo. Isso seguirá até que o imaterial e o corpo estejam tão interligados e a vida dela esteja tão evoluída que não precise mais se separarem, dando início assim a verdadeira eternidade. Onde todos os males se dissipam e a morte não tem mais razão de ser. E a consciência será total tanto os inerentes quanto os adquiridos ao longo de todas as encarnações.

As mortes no estágio atual das existências são pretextos para regar e medir a evolução sem que desperte especulações e a fluidez nas reencarnações. Até que germine a energia de uma sociedade embasada em: a cada um segundo a sua necessidade. Essa seria a sociedade equânime. Onde os males e os problemas dissipariam e a morte não teria mais razão de ser. Os seres passariam a viver na sua totalidade a vida eterna. Quando o corpo estaria preparado para autogestão e não sofreria mais o envelhecimento após uma certa idade.

Este é o destino apontado pelo propósito da existência e para isso acontecer é necessário que passemos por todo esse alicerçamento evolutivo da consciência a qual seria o embasamento do novo sistema de relacionamento e de vivência.

Ainda, as pessoas viveriam do ócio, lazer, cultura e artes. Sobretudo com a convivência harmoniosa entre todos. Essa sociedade seria gerenciada pela autoconsciência suficientemente desenvolvida

eliminando todos os preconceitos e medidas de controle e questões que não mais seriam necessários na nova forma de vida.

A parte do trabalho para a produção insumos e coisas para atender a demanda da nova sociedade se daria com a parceria harmoniosa com a IA (Inteligência Artificial), que enfim estaria cumprindo o propósito para qual foi criada.

*

Não existe destino, coincidência, bala perdida. Não cai uma folha sequer se não for por determinação e conhecimento da providência responsável pela tecitura do jogo da vida.

Portanto tudo acontece exatamente como predefinido a partir da determinação do seu imaterial quando encarnou. Por mais horripilante que seja o acontecimento é fruto do jogo vital. Tudo que se faz de bom ou de ruim terá responsabilização porque cada um é responsável pelas suas escolhas em curso sobretudo às ações.

Não existe liberdade de expressão tão propalada pelos seres humanos, mas, o que acontece: o que vamos dizer é aproximadamente aquilo que está previsto na tecedura do jogo da vida. O que existe é o livre arbítrio, propiciando a condição de escolhas, mas nada é inédito, tudo foi predeterminado. O que ocorre é que quando uma condição em curso é relevante ele simulado nas dimensões seguindo

cada uma das probabilidades e a que se revela é o processo inerente à sua realidade e ao seu propósito.

A tecedura do jogo da vida é embasada na roda da fortuna, onde um perde e outro ganha e na próxima inverte as posições. Portanto as pessoas não são ricas, elas estão ricas. Por isso o bom uso e adequado ou não das posses que possui na sua existência faz parte do aprendizado e maturação da consciência global.

Somos seres dotados da capacidade de olhar para dentro de nós mesmos e compreender, de forma íntima, quem somos, o que sentimos e o que pensamos. Essa consciência não é apenas um privilégio, mas também uma necessidade e um chamado à responsabilidade.

Cada ato que realizamos, cada palavra que pronunciamos e cada escolha que fazemos carrega consigo consequências, para nós e para aqueles que nos cercam. Não podemos nos esconder atrás do acaso ou da indiferença: somos responsáveis por tudo aquilo que proporcionamos ao mundo.

A verdadeira liberdade não está em agir sem limites, mas em reconhecer que nossas ações moldam realidades. Quando compreendemos intimamente nossos desejos, medos e intenções, passamos a agir com mais clareza e consciência. E é nesse ponto que a responsabilidade se torna não um peso, mas uma expressão de maturidade e de respeito pela vida.

Assim, compreender-se intimamente é também assumir o compromisso de viver de forma íntegra, sabendo que cada gesto é uma semente lançada no solo da existência. Cabe a nós escolher se

cultivaremos frutos de harmonia ou de desordem. Sobretudo ter conhecimento da essência de cada um e compreender que você é o propósito principal, porque traz dentro de si a divindade primordial, que fluirá a cada entendimento em linhas gerais de tudo que tratamos nesta leitura e acumular condições suficiente para construir um mundo suficientemente tolerante, inclusivo e igualitário, para justificar a nossa presença e o nosso propósito a cada existência.

-*-

Ao longo da história humana, a ideia de Deus foi construída, moldada, adaptada e difundida conforme as necessidades culturais, políticas, psicológicas e sociais de cada época. O Deus que hoje é amplamente propalado, com forma definida, personalidade humana, preferências morais específicas e interesses institucionais, não surgiu como uma revelação absoluta, mas como uma elaboração progressiva da mente humana em sua tentativa de explicar o desconhecido, controlar o medo e dar sentido à existência ou justificar e legitimar uma situação de poder.

Esse Deus popular, apresentado como um ser externo, antropomórfico, vigilante, julgador e interventor seletivo ou criador de tudo, reflete muito mais as características humanas do que uma realidade transcendente. Ele ama e odeia, pune e recompensa, escolhe povos, condena outros, exige obediência cega e se ofende com questionamentos.

Tudo isso revela menos sobre um princípio universal e mais sobre projeções humanas de poder, autoridade e controle.

Quando se observa atentamente, percebe-se que esse Deus "por todos propalado" varia conforme a geografia, a cultura e o tempo histórico. Cada civilização criou sua própria imagem do divino, sempre alinhada aos seus valores, medos e estruturas de poder. Se esse Deus fosse uma entidade objetiva e absoluta, não assumiria tantas faces contraditórias. A multiplicidade de deuses, dogmas e verdades exclusivas revela que estamos diante de construções simbólicas, não de uma realidade única e incontestável.

Além disso, a institucionalização de Deus contribuiu para o seu distanciamento da experiência humana genuína. Igrejas, templos e sistemas religiosos passaram a reivindicar o monopólio do sagrado, transformando a espiritualidade em doutrina, a fé em obediência e o mistério em regras. Quando não em manipulação da fé e legitimar os sistemas de governos vigente. Deus deixou de ser uma experiência interior para se tornar um conceito imposto, muitas vezes utilizado para justificar guerras, desigualdades, opressões e exclusões. É demonstrado ao longo da História o quanto mataram semelhantes e em grande número, em nome de Deus e que toda a distopia é porque da nossa pouca fé.

O Deus propagado como juiz supremo também serve como mecanismo de terceirização da responsabilidade. Ao atribuir a ele o controle do destino, o ser humano abdica de sua autonomia, de

sua ética consciente e de sua responsabilidade pelos próprios atos. "Foi vontade de Deus" passa a ser a explicação para injustiças, tragédias e privilégios, anulando a reflexão crítica e o compromisso com a transformação do mundo. Ou seja: Deus é uma concepção criada pelo tamanho da dor, da fé cega e da ignorância. É invocado como proteção, justificativas de manifestações, fatos e elementos não compreendido.

Sob uma análise mais profunda, percebe-se que esse Deus difundido funciona como um espelho das fragilidades humanas: o medo da morte, o pavor do vazio, a necessidade de sentido e a dificuldade de assumir a própria liberdade. Criar um ser supremo que tudo vê e tudo cria e controla é, em muitos casos, uma tentativa de escapar da angústia existencial que acompanha o fato de estarmos vivos sem garantias absolutas e da incompreensão da essência existencial.

Isso não significa negar o mistério da existência, a profundidade do universo ou a dimensão espiritual da vida. Pelo contrário. Significa negar apenas a caricatura divina que foi popularizada, simplificada e usada como instrumento de dominação. O Deus por todos propalado não existe porque ele é fruto de narrativas e concepções humanas, não de uma realidade transcendente verificável.

Talvez o erro não esteja em negar Deus, mas em procurar fora aquilo que sempre esteve dentro. O que muitos chamam de Deus pode ser compreendido como consciência, como princípio de vida, como energia, como ética interior, como inteligência universal ou como a própria capacidade

humana de amar, criar e transformar. Quando Deus deixa de ser um personagem e passa a ser um estado de consciência do divino que há dentro de nós, a espiritualidade se liberta do medo e se aproxima da responsabilidade aproximando mais da compreensão do mecanismo da existência.

Nesse sentido, a negação do Deus não é um ato de descrença, mas de amadurecimento e consciência da essência da vida. É o reconhecimento de que não precisamos de um vigilante celestial para sermos éticos, nem de promessas pós-morte para vivermos com sentido. A vida, por si só, já é um chamado à consciência, à presença e à responsabilidade.

Assim, Deus não existe e que foi moldado para atender interesses humanos limitados. O que permanece é o mistério da existência, que não cabe em dogmas, não se curva a instituições e não pode ser capturado por palavras. E talvez seja justamente nesse silêncio, livre de imposições e incertezas, que o ser humano finalmente encontra a si mesmo e que faz parte da autocriação do universo o qual não precisou de um personagem criador, mas que se fez em si mesmo.

-* -

A morte é um dos temas mais universais e, ao mesmo tempo, mais enigmáticos da existência humana. Desde os primórdios da civilização, ela desperta medo, fascínio, resignação e até esperança.

E conforme a compreensão vigente é o limite inevitável da vida, mas também um espelho que nos obriga a pensar sobre o valor do tempo, das relações e daquilo que realmente importa.

Nenhum ser humano escapa da morte. Essa certeza contrasta com a incerteza de quando e como ela virá. É justamente essa imprevisibilidade que dá à vida sua urgência: cada gesto, cada palavra e cada escolha se tornam preciosos porque sabemos que não são infinitos.

A morte sempre foi um dos grandes temas da filosofia, não apenas como um fenômeno biológico, mas como um problema existencial que molda nossa maneira de viver. Pensadores de diferentes épocas a trataram como chave para compreender o sentido da vida, e suas reflexões revelam que a morte não é apenas um fim, mas também um horizonte que dá forma ao nosso ser.

Em muitas culturas, a morte não é vista como um fim, mas como uma passagem. Povos antigos acreditavam em mundos espirituais, em reencarnações ou em uma continuidade da alma. Mesmo hoje, diversas religiões e filosofias sustentam que morrer é apenas atravessar uma porta para outra forma de existência. Essa visão suaviza o medo e oferece consolo diante da perda.

Para quem fica, a morte é ausência. É silêncio onde antes havia voz, é vazio onde antes havia presença. O luto é o processo de aprender a conviver com essa ausência, e cada pessoa o vive de maneira única. Há quem encontre força na memória, há quem se apoie na fé, e há quem transforme a dor em criação — escrevendo, pintando, compondo.

Grandes pensadores como Sócrates, Montaigne e Heidegger refletiram sobre a morte como chave para compreender a vida. Sócrates dizia que filosofar é aprender a morrer, ou seja, preparar-se para aceitar o fim com serenidade. Na arte, a morte aparece em pinturas, poemas e músicas como metáfora da finitude, mas também como inspiração para celebrar a beleza efêmera da existência.

Na tradição grega, Sócrates via a morte como libertação da alma. Em seus diálogos, especialmente no Fédon, ele afirma que filosofar é aprender a morrer. Para ele, a prática filosófica prepara o espírito para se desapegar do corpo e enfrentar o fim com serenidade. Essa visão sugere que a morte não deve ser temida, mas aceita como parte natural da existência.

Séculos depois, Michel de Montaigne escreveu que "meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade". Ao refletir sobre a finitude, ele nos convida a viver com mais leveza, sem nos prender a ilusões de eternidade. Para Montaigne, a consciência da morte não é um peso, mas um estímulo para viver melhor, valorizando cada instante.

Martin Heidegger, no século XX, trouxe uma das análises mais profundas: o conceito de "ser-para-a-morte". Para ele, a morte não é apenas um evento futuro, mas uma possibilidade sempre presente que define nossa existência. Ao reconhecer que somos seres finitos, despertamos para a autenticidade: deixamos de viver de forma automática e passamos a assumir nossas escolhas com responsabilidade.

Em todas essas visões, a morte aparece não como inimiga, mas como mestra silenciosa. Ela nos obriga

a confrontar o que é essencial, a distinguir o que é passageiro do que é significativo. Pensar filosoficamente sobre a morte é, paradoxalmente, pensar sobre a vida — sobre como queremos gastar nosso tempo, sobre quais valores guiam nossas ações e sobre como lidamos com o inevitável. Paradoxalmente, pensar na morte é pensar na vida. É ela que nos lembra que o tempo é limitado e que, portanto, devemos vivê-lo com intensidade e propósito. A consciência da morte pode nos tornar mais compassivos, mais atentos às pequenas alegrias e mais dispostos a valorizar os vínculos humanos.

A morte, em sua dureza e mistério, é também uma mestra silenciosa. Ela nos ensina que nada é garantido, que cada instante é único e que o sentido da vida não está em evitar o fim, mas em viver plenamente até que ele chegue.

A filosofia nos mostra que a morte não é apenas o fim da vida, mas uma presença constante que molda nossa maneira de existir. Sócrates nos ensina a aceitá-la com serenidade, Montaigne a vê como libertação, e Heidegger como condição para a autenticidade. Em todos os casos, refletir sobre a morte é, em última instância, aprender a viver de forma mais consciente e plena.

Essas reflexões sobre a morte são as que tem de mais avançado na filosofia mundial, até hoje. Sendo analisado do ponto de vista da concepção da vida material pode ser interpretado como reflexões diversas, mas corretas. Mas a vida não é só matéria, antes de tudo é matéria, energia e espírito. Ao analisar a concepção da vida como expressão da

sincronia corpo e espírito necessariamente a reflexão mudará. O corpo é temporário, mas o espírito sempre existiu, portanto, eterno. Se a reflexão priorizar a matéria ficará incompleta e será mantido a compreensão de que a morte na maioria é um fim. Mas se a reflexão for conjuntar ou seja, corpo e espírito abre a necessidade de outras compreensões como por exemplo a compreensão da eternidade. Neste sentido entender que "não somos humanos", "nós estamos humanos", porque a nossa essência é o espírito, que é eterno. Como o corpo é temporário, neste sentido refletirmos a morte como um ciclo, um pretexto para o espírito no final do ciclo material avaliar o seu processo na linha do aprendizado para a evolução. Incluímos aqui a importância da compreensão sobre a reencarnação que acontecerá pela eternidade até que construa e consolide a sociedade compatível com a eternização também do corpo. O que tratarei em outra leitura oportunamente.

Com a morte, o espírito retorna para a dimensão espiritual, avalia seu processo de aprendizado e a sua evolução de todas as existências encarnadas e se prepara para a reencarnação. O corpo com a morte decompõe e volta à condição de átomos possíveis de reintegrar outros elementos e sistemas. A energia acumulada da existência do corpo material, preservará o aprendizado, conhecimento e a consciência adquirido em vida e se incorpora ao cosmos. É essa energia que são acessadas pelas pessoas com evolução mediúnica.

Em resumo, a morte não é o fim, mas o fechamento de um ciclo sobre o pretexto de desenvolvimento do propósito do ser vivente.

A mentalização voltada ao outro — seja na forma de oração, intenção consciente ou visualização — atravessa culturas, crenças e épocas como um gesto profundamente humano. Em essência, trata-se de direcionar a própria consciência para além do “eu”, reconhecendo que a experiência da vida não está isolada em compartimentos individuais, mas interligada em uma rede sutil de relações. Quando alguém ora por outro, não está apenas pronunciando palavras: está organizando pensamentos, emoções e intenções em torno de um propósito de cuidado, criando um campo interno que, de algum modo, reverbera para fora.

Sob uma perspectiva prática, a mentalização funciona como um exercício de alinhamento. Ao pensar no outro com compaixão, a pessoa que ora reorganiza o próprio estado mental e emocional. Esse processo tende a reduzir a ansiedade, fortalecer a empatia e ampliar a percepção de pertencimento. Curiosamente, isso já produz efeitos concretos: quem ora se torna mais disponível, mais atento, mais disposto a agir no mundo real em favor daquele por quem mentaliza. Ou seja, mesmo antes de qualquer discussão transcendental, há um impacto direto no comportamento e nas relações humanas.

No entanto, o que torna esse fenômeno tão intrigante é justamente a possibilidade de que seus efeitos não se limitem ao campo psicológico individual. Muitas tradições espirituais sustentam

que a consciência possui uma dimensão não local — uma espécie de continuidade que ultrapassa o corpo físico. Dentro dessa lógica, a oração deixa de ser apenas um ato simbólico e passa a ser uma forma de conexão real entre consciências. A mentalização seria, então, uma ponte invisível, pela qual intenções podem alcançar o outro em níveis que não dependem da proximidade física.

É aqui que a relação com o transcendental se aprofunda. Se admitirmos que a consciência não se encerra na matéria, mas participa de algo maior — um campo, um princípio, uma totalidade —, então cada ato de mentalização se insere nesse todo. Orar por alguém passa a ser, nesse sentido, um gesto de sintonia com essa dimensão mais ampla da existência. Não se trata de controlar o destino do outro, mas de oferecer uma espécie de “ressonância favorável”, como quem ajusta uma frequência para que ela se harmonize com possibilidades de equilíbrio e cura.

Ainda assim, é importante manter os pés no chão. A mentalização não substitui cuidados médicos, decisões práticas ou responsabilidade individual. Ela atua melhor quando compreendida como um complemento — um suporte silencioso que fortalece, encoraja e, em muitos casos, transforma a qualidade da presença entre as pessoas. A cura, seja física, emocional ou espiritual, raramente é resultado de um único fator isolado; ela emerge de um conjunto de condições, entre as quais o vínculo humano tem um papel decisivo.

Ao integrar a mentalização nesse panorama, percebemos que orar pelo outro é também um

exercício de transcendência do próprio ego. É sair do centro exclusivo da própria dor ou desejo e participar, ainda que de forma invisível, do processo de alguém. Esse movimento, por si só, já é transformador. Ele amplia a consciência, dilui fronteiras e aproxima o indivíduo de uma percepção mais profunda da vida como um fluxo compartilhado.

Assim, a mentalização para a cura do outro não precisa ser entendida como um mistério inalcançável, nem reduzida a mero efeito psicológico. Ela pode ser vista como um ponto de encontro entre o humano e o transcendental: um gesto simples, mas carregado de significado, em que intenção, conexão e esperança se entrelaçam. E, nesse entrelaçamento, talvez resida uma das formas mais silenciosas — e ao mesmo tempo mais poderosas — de cuidado.

Ainda esse processo de mentalização através da oração propicia a cura a quem foi destinado. Se for um efeito de doença causado pelo processo vigente de mal uso do próprio processo vital que represe energias e lhe causem efeitos eventuais. Ou seja, doenças adquiridas. Só não são curadas as doenças predestinadas pelo propósito da imaterialidade do cidadão, como uma condição de aprendizado ou de expiação para o próprio processo de evolução.

-* -

Há uma intuição antiga — quase silenciosa — de que aquilo que buscamos já nos habita. No entanto, ao longo da história, o humano construiu camadas sobre essa percepção, erguendo conceitos que, embora nascidos da reverência, acabaram por distanciar o indivíduo de si mesmo. Entre esses conceitos estão o Sagrado, a Santidade e a Divindade. À primeira vista, parecem partes de um mesmo campo semântico, quase sinônimos elevados. Mas, ao olhar mais atento, revelam diferenças profundas — e talvez até uma inversão de perspectiva.

O Sagrado, na sua essência mais pura, não é algo a ser conquistado. Ele não exige travessias épicas nem provas de merecimento. O Sagrado é anterior ao esforço. Ele é condição, não prêmio. Está na estrutura íntima do ser, como um princípio organizador que pulsa antes mesmo da consciência nomear a si mesma. É aquilo que não precisa ser adornado para existir. O Sagrado é simples — e exatamente por isso, muitas vezes ignorado. Porque a mente humana, fascinada pelo extraordinário, tende a desconfiar do que é essencialmente presente.

Quando se diz que o Sagrado já está com você, afirma-se uma verdade desconcertante: não há distância entre o ser e o fundamento do ser. O que há, talvez, é distração. O ruído do mundo, das expectativas, das construções culturais, cria uma espécie de névoa que encobre o óbvio. E o óbvio, nesse caso, é revolucionário — você não precisa se tornar digno do Sagrado, porque você já é expressão dele.

Em contrapartida, a Santidade e a Divindade surgem, muitas vezes, como idealizações. São colocadas em um plano elevado, quase inalcançável, como se habitassem uma região fora da experiência comum. A Santidade passa a ser associada à pureza absoluta, à ausência de falhas, a um estado de perfeição moral que exige disciplina extrema e renúncia constante. A Divindade, por sua vez, é frequentemente projetada como algo distante, transcendente, separado da condição humana.

Mas aqui emerge uma questão crucial: quem estabeleceu essa distância? Ao transformar Santidade e Divindade em objetivos externos, o humano cria um paradoxo. Ele se coloca em uma posição de insuficiência permanente, como alguém que precisa constantemente se corrigir, se negar, se ultrapassar para alcançar algo que, por definição, nunca se deixa tocar plenamente. Surge então um ciclo de busca infinita, onde o ideal se afasta à medida que o esforço aumenta.

Essa lógica levanta uma suspeita legítima: e se Santidade e Divindade, tal como concebidas, forem construções simbólicas — mitos funcionais, mas ainda assim mitos? Não no sentido de falsidade, mas de linguagem. Narrativas criadas para orientar, inspirar, organizar o comportamento humano. O problema não está na existência dessas narrativas, mas na forma como são interpretadas: como realidades externas e inalcançáveis, em vez de expressões internas e possíveis.

E então a pergunta central se impõe com força: quem disse que para ser perfeito não pode ser simples? A ideia de perfeição foi, em muitos

contextos, associada à complexidade, à elevação, ao afastamento daquilo que é considerado comum. Mas talvez isso seja um equívoco fundamental. Talvez a perfeição não esteja no acúmulo, mas na coerência. Não na exceção, mas na harmonia com aquilo que já se é. Nesse sentido, a simplicidade não seria uma limitação — seria o estado mais refinado de alinhamento.

O Sagrado, então, não exige que você se torne outro. Ele apenas convida que você seja sem distorção. Já a Santidade e a Divindade, quando colocadas como metas externas, podem funcionar como espelhos deformados: refletem uma imagem idealizada que nunca coincide com o presente, gerando tensão em vez de integração. Mas há uma outra possibilidade de leitura. E se Santidade e Divindade não forem metas, mas desdobramentos naturais do reconhecimento do Sagrado? Ou seja, não algo a ser buscado fora, mas algo que emerge quando o indivíduo se reconecta com sua essência. Nesse caso, a Santidade deixaria de ser um estado artificial de pureza e passaria a ser a expressão autêntica de um ser alinhado. A Divindade, por sua vez, não seria um lugar distante, mas a dimensão mais profunda da própria existência.

Essa mudança de perspectiva dissolve a hierarquia. Não há mais um caminho vertical, onde sobe em direção a algo superior. Há um movimento de aprofundamento — um retorno. E nesse retorno, o extraordinário se revela no ordinário.

A folha que cai, o silêncio da madrugada, o gesto simples de respirar — tudo se torna manifestação do Sagrado quando não há mais a necessidade de

separar. A vida deixa de ser um campo de provas e passa a ser um campo de presença.

Talvez o maior desvio da humanidade não tenha sido a criação da ideia de Divindade, mas a sua externalização. Ao colocar o divino fora, perdeu-se a capacidade de reconhecê-lo dentro. E ao transformar a Santidade em um ideal distante, esqueceu-se que a integridade já é, em si, uma forma de plenitude.

No fim, a questão não é alcançar algo maior, mas perceber o que nunca deixou de estar ali. O Sagrado não grita. Ele não exige. Ele não se impõe. Ele apenas é. E talvez, no instante em que se abandona a necessidade de se tornar extraordinário, se descubra que o mais profundo da existência sempre foi, silenciosamente, essencial.

-*-

Entender a nossa evolução é, antes de tudo, aceitar que a existência humana ultrapassa os limites daquilo que os olhos podem ver e as mãos podem tocar. Somos mais do que matéria organizada em forma de corpo; somos um entrelaçamento complexo entre o visível e o invisível, entre o transitório e o permanente. Nesse sentido, a jornada humana pode ser compreendida como um processo contínuo de transcendência, no qual a imaterialidade percorre ciclos sucessivos,

desassociando-se da matéria e seguindo adiante em novas experiências.

A matéria, por sua vez, cumpre o seu papel dentro das leis naturais: ao final de cada ciclo de vida, ela retorna ao mundo dos átomos, reintegrando-se ao grande fluxo universal que sustenta toda a existência física. Nada se perde, tudo se reorganiza. Já aquilo que não é material — a essência, a experiência acumulada, a consciência em formação — não se dissolve da mesma maneira. Essa dimensão imaterial segue adiante, carregando consigo registros, aprendizados e impressões que não pertencem ao plano físico, mas que influenciam diretamente as etapas futuras da existência.

Nesse contexto, pode-se imaginar que a energia acumulada ao longo das experiências existenciais permanece de alguma forma inscrita no cosmos, como um campo sutil, disponível e latente. Há quem intérprete essa ideia como um reservatório de memórias ou vibrações que, em determinadas circunstâncias, poderiam ser acessadas por indivíduos com sensibilidade ampliada — como parapsicólogos ou médiuns —, capazes de perceber aquilo que escapa aos sentidos comuns. Independentemente da forma como se compreenda esse fenômeno, a noção central é que a experiência não se perde: ela se transforma, se desloca e se reorganiza em níveis que ainda buscamos compreender.

O processo de reencarnação, dentro dessa perspectiva, não seria apenas uma repetição de vidas, mas um movimento de aperfeiçoamento contínuo. A cada ciclo, há uma nova oportunidade

de integração entre os diferentes aspectos do ser: a matéria que permite a experiência concreta, a energia que sustenta o movimento, a consciência que observa e aprende, e o inconsciente que armazena e influencia silenciosamente. Esses elementos não estão separados de forma definitiva; ao contrário, encontram-se em constante interação, moldando aquilo que somos em cada instante.

Com o avançar dessas experiências, a evolução não se limita ao acúmulo de vivências, mas aponta para uma síntese. A transcendentalidade deixa de ser algo distante e passa a se revelar como parte integrante do próprio ser. A imaterialidade não se opõe mais à matéria, mas a compreende como instrumento. A energia deixa de ser apenas força dispersa e passa a ser reconhecida como expressão organizada da existência. A consciência, por sua vez, amplia-se progressivamente, incorporando não apenas o que foi aprendido em uma única vida, mas aquilo que foi construído ao longo de múltiplas jornadas.

Nesse ponto, surge a ideia de uma eternidade que não é simplesmente infinita em duração, mas plena em integração. Uma eternidade em que não há mais fragmentação entre os níveis do ser, pois tudo se encontra interligado de maneira definitiva. A consciência torna-se total: ao mesmo tempo adquirida — fruto das experiências acumuladas — e intrínseca à própria natureza transcendental do ser. Não há mais separação entre o que se aprende e o que se é; ambos convergem em uma unidade.

Assim, a evolução deixa de ser um caminho de busca externa e passa a ser um processo de

reconhecimento interno. Aquilo que parecia distante — a transcendência, a totalidade, a eternidade — revela-se como um destino que sempre esteve presente em potência. E cada ciclo, cada existência, cada experiência vivida, contribui silenciosamente para essa realização.

No fim, compreender a evolução humana sob essa ótica é reconhecer que estamos em constante construção — não apenas de vidas, mas de consciência. E que, por trás de cada começo e de cada fim, existe um movimento maior, contínuo e profundamente significativo, conduzindo-nos à integração plena de tudo aquilo que somos.

*

Jesus, antes de ser transformado em dogma, foi consciência desperta. Antes de ser elevado à condição metafísica que as instituições religiosas lhe atribuíram, foi expressão viva da mais alta possibilidade humana: a autoconsciência plena. Sua grandeza não residia em uma divindade distante e inacessível, colocada acima da condição humana, mais precisamente no fato de ter revelado, dentro da própria experiência humana, o potencial máximo da lucidez existencial.

Desde muito jovem, conforme narram os registros históricos e espirituais, Jesus já demonstrava uma inteligência singular. Ao dialogar com os sábios de seu tempo, não se colocava como alguém que apenas reproduzia ensinamentos, mas como quem

já possuía a centelha interna da compreensão. Essa postura revela um aspecto fundamental: sua sabedoria não era mera aquisição intelectual, mas manifestação de uma consciência integrada, uma percepção ampliada da realidade e de si mesmo.

O Cristo histórico ensinou, sobretudo, um modo de ser. Sua mensagem não consistia na oferta de um sistema de dependência espiritual, nem na criação de vínculos de submissão psicológica. Seu chamado era radicalmente interior. Ao propor o amor ao próximo, partia necessariamente da premissa do amor-próprio entendido não como vaidade ou egoísmo, mas como reconhecimento da dignidade intrínseca da própria existência. Não se pode amar verdadeiramente o outro sem antes ter alcançado algum grau de reconciliação consigo mesmo.

A empatia, em sua perspectiva, era um movimento de dentro para fora. Ela nascia da expansão da consciência, do reconhecimento de que o outro é extensão da mesma realidade existencial que habita em nós. Transformar-se internamente era, portanto, condição primeira para qualquer transformação externa. Jesus ensinava que a revolução mais autêntica é sempre silenciosa e começa no interior do ser.

Entretanto, ao longo da história, especialmente quando o cristianismo se consolidou como estrutura de poder, houve uma profunda inversão dessa lógica. Ao definir Jesus exclusivamente como Deus, apartado da experiência humana comum, criou-se uma distância quase intransponível entre sua figura e a possibilidade concreta de sua vivência. Aquilo

que deveria servir de espelho passou a funcionar como pedestal.

Essa mudança teve consequências profundas. Jesus deixou de ser referência de desenvolvimento interior para tornar-se objeto de aquisição simbólica. Surgiram discursos que o apresentam como produto espiritual, algo a ser aceito, comprado emocionalmente ou incorporado como solução externa para conflitos internos. Expressões como “Jesus te ama” ou “aceite Jesus” frequentemente carregam, ainda que involuntariamente, a ideia de uma dependência que esvazia o princípio da responsabilidade existencial.

Nesse modelo, a experiência espiritual corre o risco de converter-se em muleta psicológica. O indivíduo transfere para uma figura externa a tarefa que, em essência, pertence ao seu próprio processo de amadurecimento: enfrentar a si mesmo, reconhecer suas contradições, expandir sua consciência e tornar-se agente ativo de sua própria transformação.

O resgate necessário é o do Jesus histórico, humano, concreto, consciente. O Jesus de carne e osso que chorou, refletiu, sentiu angústia, dialogou, questionou e, justamente por viver plenamente a condição humana, transcendeu-a. Sua transcendência não foi fuga da humanidade, mas sua realização máxima.

Reencontrar esse Jesus é recolocar a espiritualidade em seus trilhos originais. É substituir a fé cega pela lucidez reflexiva; não abolir a fé, mas elevá-la ao campo da consciência crítica. É deslocar a compaixão passiva para o amor ativo, aquele que não apenas se sensibiliza, mas transforma.

Talvez o verdadeiro convite de Jesus nunca tenha sido para que o aceitássemos como um objeto de devoção externa, mas para que despertássemos para aquilo que ele próprio despertou em si: a plenitude da autoconsciência, a coragem do autoconhecimento e a capacidade de fazer do amor uma prática ontológica.

O Reino que ele anunciava nunca foi um lugar fora de nós, mas um estado de consciência a ser conquistado no interior de cada ser humano.

-*-

Evolução: A Arquitetura Invisível da Consciência.

Peça sempre conhecimento, sabedoria e discernimento.

Não como quem pede favores ao mistério, mas como quem busca ampliar a própria capacidade de compreensão diante da complexidade da existência. Evoluir exige mais do que viver; exige interpretar a vida. Exige atravessar os acontecimentos não apenas como espectador das circunstâncias, mas como consciência investigativa capaz de perceber os mecanismos sutis que operam por trás da aparência imediata do real.

Compreender a evolução é, antes de tudo, reconhecer que a existência ultrapassa largamente aquilo que os sentidos conseguem captar.

Aquilo que chamamos realidade visível é apenas a superfície de uma dinâmica infinitamente mais profunda.

Para iniciar qualquer reflexão séria sobre o processo evolutivo, é necessário admitir uma premissa fundamental: tudo é energia.

A matéria, tal como a percebemos, não constitui uma substância definitiva e autônoma. Ela é apenas uma configuração momentânea de campos energéticos organizados segundo determinados padrões de coerência.

A própria ciência contemporânea, ao penetrar nas estruturas fundamentais da realidade, demonstra que aquilo que outrora parecia sólido revela-se, em essência, movimento, vibração, frequência e relação.

Mas há algo ainda mais decisivo. Se tudo é energia, então cada manifestação da existência carrega consigo algum grau de organização interna, algum nível de resposta ao real, alguma expressão, ainda que mínima, de consciência.

A consciência, nesse sentido, não deve ser entendida apenas como atributo humano ou privilégio biológico complexo.

Ela é princípio estruturante. É a capacidade que a própria existência possui de organizar-se, perceber-se e responder a si mesma em diferentes níveis de complexidade.

O universo não é um mecanismo cego. É uma arquitetura dinâmica de sensibilidades graduais. Nesse contexto, o ser humano não pode ser reduzido à mera condição biológica.

Somos seres transcendentais. Não no sentido místico que frequentemente se atribui ao termo, nem como construção religiosa fundada em dogmas, mas como consequência lógica de uma leitura mais ampla da realidade.

Para evitar confusões conceituais, pode-se falar em dimensão imaterial. E aqui, o termo não remete à fantasia, ao sobrenatural ou ao exercício da crença desprovida de fundamento racional. Trata-se de uma formulação lógica destinada a descrever aquilo que precede e sustenta a manifestação material.

O imaterial não é negação da matéria. É sua matriz organizadora. É o campo onde a consciência se estrutura antes de assumir forma manifesta.

Somos, portanto, uma composição complexa de imaterialidade, energia e matéria, articuladas em diferentes níveis de consciência e inconsciência. Nossa experiência existencial é a expressão temporária dessa conjugação.

Vivemos inseridos em ciclos.

Cada existência constitui um círculo específico dentro de um processo evolutivo muito mais amplo.

Durante determinado período, a consciência associa-se à matéria, organizando-se em uma forma particular de experiência.

Nesse estágio, aprende, experimenta, constrói, erra, corrige, amplia-se. A existência material funciona como laboratório de elaboração. É o espaço onde a consciência confronta limites para descobrir possibilidades. Entretanto, essa associação não é definitiva.

Em determinados momentos da dinâmica universal, ocorre o processo de desassociação.

Aquilo que chamamos morte representa apenas a dissolução da organização circunstancial entre matéria e imaterialidade.

A matéria retorna à sua condição elementar. Decompõe-se. Reintegra-se ao universo atômico do qual provisoriamente emergiu.

Nada nela se perde. Apenas se reorganiza.

O mesmo ocorre com a energia acumulada ao longo da experiência existencial. Tudo aquilo que foi elaborado pela consciência — impressões, aprendizagens, estruturas sutis de desenvolvimento — não se extingue.

Essa energia integra-se ao cosmos, preservando-se como patrimônio evolutivo. Permanece disponível à continuidade do processo.

A consciência, por sua vez, prossegue. Desvinculada momentaneamente da matéria, reorganiza-se para novo ciclo, nova experiência, nova oportunidade de ampliação.

É assim que a evolução se processa. Não como linha reta. Não como progresso automático. Mas como espiral de refinamento. Cada ciclo retoma elementos anteriores, porém em outro nível de elaboração.

Cada existência oferece novas condições para que a consciência expanda sua capacidade de integração. O objetivo último desse processo não é simplesmente perpetuar recomeços.

Toda dinâmica evolutiva aponta para uma convergência. Chegará o estágio em que a imaterialidade não mais necessitará separar-se da matéria.

A cisão provisória entre ambas será superada.

Aquilo que hoje experimentamos como alternância entre manifestação e dissolução encontrará síntese plena.

A consciência alcançará tal grau de refinamento que matéria e imaterialidade poderão coexistir em unidade estável.

Será o início da verdadeira eternidade. Não uma eternidade estática, imóvel ou contemplativa. Mas uma permanência dinâmica, plena de consciência integrada. A superação definitiva da fragmentação existencial.

E qual é o princípio lógico que conduz todo esse processo?

Qual a força organizadora capaz de orientar a consciência através de incontáveis ciclos até sua integração plena?

A resposta, embora frequentemente banalizada pelo uso excessivo, permanece absoluta em sua profundidade: O amor.

Não o amor reduzido a sentimento passageiro, apego emocional ou romantização afetiva.

Mas o amor como princípio ontológico. Como força de coesão. Como inteligência integradora.

Como lógica fundamental da própria existência.

Se a evolução consiste em superar fragmentações, ampliar consciência e integrar dimensões dispersas do ser, então o amor é sua expressão máxima. Porque amar, em sua essência mais profunda, é unir sem anular. É integrar sem dominar. É reconhecer-se no outro sem perder a singularidade.

Toda evolução aponta para essa síntese. Toda consciência amadurece em direção a ela.

No fim, aquilo que chamamos evolução nada mais é do que o longo aprendizado da existência para compreender, incorporar e finalmente tornar-se aquilo que desde o princípio sustenta toda realidade: o amor como estrutura lógica do universo.

-*-

Somos luz. Não luz enquanto metáfora poética apenas, mas enquanto princípio originário da existência, substância imaterial da consciência e fundamento primeiro de tudo aquilo que se manifesta no universo. Existimos desde sempre, porque aquilo que é essencial não nasce nem morre; apenas se transforma, se reorganiza e se expressa sob novas configurações. A existência, portanto, não é um acontecimento casual, mas uma continuidade eterna de manifestação.

Foi dessa necessidade profunda de expansão que criamos o universo e a vida. Não como obra exterior a nós, tampouco como cenário aleatório erguido pelo acaso, mas como um vasto campo de experiência, integração e sociabilidade. O cosmos

pode ser compreendido como a exteriorização de uma necessidade ontológica: a de que a luz se reconheça a si mesma através da pluralidade das formas. Criamos a multiplicidade para que, por meio dela, o uno pudesse se contemplar. Criamos o outro para que pudéssemos aprender a ser com o outro.

Entretanto, sermos luz não significa estarmos isentos das complexidades inerentes ao existir. Há um equívoco recorrente em associar luz à pureza absoluta, como se a essência luminosa fosse incompatível com conflito, tensão ou contradição. Filosoficamente, isso seria negar o próprio dinamismo da existência. Toda realidade manifesta carrega em si polaridades, porque é da tensão entre opostos que surge o movimento, a transformação e a possibilidade de consciência.

É justamente aí que emerge nossa bipolaridade essencial. Em cada ser coexistem dois extremos: um polo inclinado ao bem absoluto, à compaixão, à criação, à integração; e outro inclinado ao egoísmo extremo, à ruptura, à desordem, à destruição. Ambos habitam nossa estrutura existencial não como erro ou acidente, mas como componentes pedagógicos da experiência.

A grande questão da existência não é eliminar um dos polos, pois isso seria amputar parte da própria experiência do ser. O verdadeiro aprendizado consiste em compreender ambos, atravessá-los e, sobretudo, transcendê-los. A sabedoria não nasce da negação da sombra, mas da sua integração consciente. Somente quem conhece o abismo interior pode construir em si uma verdadeira altitude espiritual.

É nesse contexto que o laboratório terrestre se revela. A Terra não é punição, nem mero acaso biológico; ela é escola ontológica, campo experimental da consciência. Cada dor, cada perda, cada angústia, cada conflito e cada agrura suportada constituem experiências lapidadoras. O sofrimento, embora jamais desejável em si mesmo, torna-se instrumento de refinamento quando compreendido como processo formativo.

A existência humana é uma oficina silenciosa onde a luz bruta é trabalhada até adquirir clareza. Cada desafio é um buril; cada queda, uma oportunidade de reelaboração; cada recomeço, uma nova tentativa de harmonização interior.

O objetivo último dessa travessia é encontrar o ponto de equilíbrio. E equilíbrio não significa neutralidade fria ou ausência de intensidade. Trata-se de uma síntese superior, onde os extremos deixam de guerrear entre si e passam a compor uma unidade consciente. É o estado em que o ser compreende sua própria natureza, governa suas forças internas e alcança maturidade suficiente para coexistir em plenitude.

Talvez seja isso que se possa chamar, em sentido mais profundo, de felicidade eterna: não um estado ingênuo de ausência de problemas, mas a capacidade conquistada de viver em harmonia consigo, com o outro e com o todo.

Quando esse equilíbrio é alcançado, a luz enfim cumpre seu propósito: sociabiliza plenamente, integra-se sem medo, cria sem destruição e ama sem possessividade. Então compreendemos que toda a travessia — com suas dores, sombras e

aprendizados — não teve outra finalidade senão ensinar-nos a arte suprema de existir juntos. Porque, ao fim, fomos feitos de luz não para brilhar isoladamente, mas para iluminar em comunhão.

*

A Verdade e o Véu da Percepção não se apresentam de forma plena ao olhar apressado. Ela raramente se oferece como evidência imediata, pois costuma habitar as camadas mais profundas da experiência humana, velada pelas interpretações, crenças, medos, conveniências e condicionamentos que moldam a percepção.

O ser humano, ao longo de sua trajetória, aprende a conviver com versões da verdade. Algumas herdadas, outras construídas, muitas apenas aceitas pela necessidade de pertencimento ou segurança. Entretanto, existe uma diferença fundamental entre aquilo que se toma como verdade e aquilo que verdadeiramente é.

A transcendentalidade surge justamente como o movimento interior capaz de atravessar esse véu.

Transcender é romper os limites da percepção condicionada. É deslocar-se da superfície dos acontecimentos para penetrar sua essência. Nesse processo, a verdade deixa de ser uma afirmação externa a ser aceita e passa a constituir uma experiência interna de reconhecimento.

A autoconsciência desempenha papel decisivo nessa travessia. Somente aquele que se observa com honestidade consegue identificar as ilusões que construiu para proteger-se, justificar-se ou acomodar-se. A verdade, nesse sentido, exige coragem, porque frequentemente desestrutura certezas consolidadas.

Ela não se impõe pela força, mas se revela pela disponibilidade.

Os sinais da vida, muitas vezes incompreendidos, atuam como convites permanentes ao reencontro com essa dimensão mais profunda. Crises, perdas, rupturas, inquietações e até os silêncios inesperados carregam potencial revelador. São momentos em que a realidade parece suspender suas aparências para expor algo essencial.

A grande questão não é se a verdade existe, mas se estamos preparados para sustentá-la quando ela se manifesta.

Pois toda verdade transformadora exige reposicionamento. Ela solicita revisão, amadurecimento e, por vezes, renúncia. No campo transcendental, a verdade não é uma posse intelectual. É uma vivência. Não se trata de dominá-la, mas de permitir-se ser transformado por ela. E talvez a mais profunda de todas as verdades seja esta: quanto mais a consciência se expande, menos necessidade há de afirmar certezas, porque a sabedoria passa a habitar a serenidade de quem compreende que a verdade última não se encerra

em conceitos, mas se revela continuamente no fluxo da existência.

-*-

Poder é, em sua essência mais profunda, a capacidade de realizar, transformar, influenciar e gerar movimento no fluxo da existência. Derivado do latim *potere* — “ser capaz” —, ele não se reduz à simples imposição da vontade, nem à posse de instrumentos de comando. O poder é, antes de tudo, uma potência existencial: a manifestação concreta da capacidade humana de interferir na realidade.

Entretanto, sua compreensão assume diferentes contornos conforme a perspectiva pela qual é observado.

Para Max Weber, o poder reside na possibilidade de impor a própria vontade, mesmo diante da resistência. Quando essa imposição se estabiliza, converte-se em dominação.

Na leitura de Karl Marx, o poder está profundamente vinculado ao controle das estruturas materiais da sociedade; quem detém os meios de produção orienta, direta ou indiretamente, a organização das relações humanas.

Já Michel Foucault rompe com a ideia de um poder localizado. Para ele, o poder circula como uma trama invisível, presente nos discursos, nas instituições, nos hábitos e até nas pequenas condutas cotidianas. Não é algo que simplesmente se possui; é algo que se exerce e se reproduz nas relações.

Por sua vez, Hannah Arendt oferece uma das visões mais elevadas: o poder nasce da ação coletiva, da convergência humana orientada por propósitos comuns. Ele não se sustenta pela força, mas pela legitimidade que emerge do consenso.

Ao longo da história, o poder foi frequentemente associado ao domínio, à hierarquia e à autoridade institucionalizada. Dos faraós egípcios aos impérios modernos, consolidou-se a crença de que poder significava superioridade e controle. Contudo, a filosofia mais profunda revela outra verdade: o poder não encontra sua plenitude no domínio, mas na responsabilidade.

O verdadeiro poder não é aquele que se ergue para servir a si mesmo, nem aquele que se organiza para proteger interesses particulares ou privilégios de grupos. Todo poder voltado exclusivamente ao benefício próprio tende à degeneração, porque se desconecta de sua finalidade essencial: contribuir para a expansão da vida, da consciência e da dignidade coletiva.

A grande ilusão humana consiste em confundir poder com posse. Quem acredita possuir o poder como propriedade pessoal transforma-o em instrumento de vaidade, manipulação e separação. Mas o poder autêntico é sempre transitório e relacional; ele existe para ser canalizado, compartilhado e colocado a serviço de algo maior que o indivíduo.

Sob uma perspectiva transcendental, o poder é uma concessão ética da existência. Ele é confiado, e não dado em definitivo. Surge como possibilidade de servir, construir, elevar e iluminar caminhos.

A mais alta expressão do poder manifesta-se quando ele se converte em serviço.

Servir não é submeter-se; é compreender que toda capacidade adquirida carrega consigo uma responsabilidade proporcional. Quanto maior o poder, maior o dever de distribuí-lo em forma de sabedoria, oportunidade, justiça e crescimento comum.

A verdadeira grandeza não está em acumular influência, mas em multiplicá-la na vida dos outros.

Pois, no fim, o poder que se fecha em si mesmo adoece e se corrompe; já o poder que se compartilha transcende, fecunda e permanece como legado.

-*-

O Amor como Essência e Causa de Tudo. Se existe uma força originária capaz de explicar a existência, sustentar a criação e dar sentido à continuidade de tudo o que é, essa força é o amor. Não o amor reduzido à emoção passageira, ao desejo circunstancial ou à necessidade afetiva humana, mas o amor em sua dimensão mais elevada: princípio fundante, energia criadora, inteligência silenciosa que move o universo e sustenta a trama invisível da realidade.

O amor é a essência porque dele procede toda possibilidade de construção. Nada que se estabelece de forma duradoura nasce da ausência dele. Pode haver imposição sem amor, pode haver conquista sem amor, pode haver domínio,

exploração e até aparente progresso sem amor; porém tudo isso, por carecer de fundamento verdadeiro, cedo ou tarde se dissolve. Somente o que é gerado a partir do amor possui estrutura suficiente para permanecer, amadurecer e transcender.

O amor é a causa porque toda criação autêntica nasce de um impulso de doação. Criar é doar. Construir é doar. Ensinar é doar. Gerar vida é doar. Compartilhar conhecimento é doar. Toda expressão genuinamente criadora carrega em sua origem uma entrega. E toda entrega, em sua natureza mais pura, é manifestação do amor.

Quando uma árvore oferece sombra sem escolher quem dela se beneficiará, ela expressa a lógica silenciosa do amor. Quando o rio percorre seu caminho alimentando margens e fertilizando terras sem reivindicar mérito, ele manifesta o amor em movimento. Quando o sol nasce para todos, indiferente às distinções humanas, ele revela a universalidade desse princípio.

A própria existência parece obedecer a essa lei profunda: tudo o que permanece se sustenta pela capacidade de servir ao todo.

O amor, portanto, não é apenas sentimento; é estrutura. Não é apenas afeto; é inteligência organizadora. Não é apenas emoção; é fundamento ontológico da realidade.

O grande equívoco humano talvez tenha sido reduzir o amor à esfera privada dos afetos pessoais, quando na verdade ele é a engrenagem secreta que sustenta a ordem universal. O amor está na

gravidade invisível que mantém os astros em equilíbrio metafórico; está na cooperação silenciosa entre os organismos da natureza; está na lógica profunda da interdependência que faz com que nada exista isoladamente.

Tudo está conectado porque tudo, em sua origem, participa de uma mesma essência. É por isso que o amor é também a mais elevada expressão de transcendência. Transcender é ultrapassar os limites estreitos do ego, das conveniências imediatas e da lógica da posse. E amar, em sua forma mais elevada, exige exatamente isso: sair de si para reconhecer no outro uma extensão da própria existência.

O amor rompe a ilusão da separatividade. Quando o ser humano ama de forma verdadeira, ele expande sua consciência. Passa a perceber que servir não diminui; engrandece. Que compartilhar não empobrece; multiplica. Que doar não esvazia; plenifica.

A lógica materialista ensina que reter é possuir. O amor ensina que doar é multiplicar. Essa é uma das grandes leis transcendentais da existência: tudo o que se fecha em si apodrece; tudo o que circula floresce. Veja a água parada: deteriora-se. Veja a água corrente: renova-se. Assim também é o amor. Quando aprisionado pela posse, pelo medo ou pelo interesse, ele se corrompe. Quando flui livremente como expressão de entrega, ele vivifica. Toda grande construção humana nasceu de algum ato de amor. As civilizações se ergueram porque houve cooperação. O conhecimento avançou porque houve partilha. A cultura floresceu porque alguém decidiu oferecer ao mundo o fruto de sua percepção.

Até mesmo os gestos mais simples que sustentam o cotidiano — o cuidado, a escuta, a paciência, a solidariedade — são pequenas manifestações dessa força universal.

O amor é a arquitetura invisível de toda verdadeira evolução.

Sem ele, a inteligência se torna fria.

Sem ele, o poder se torna tirania.

Sem ele, a liberdade se converte em egoísmo.

Sem ele, o progresso se transforma em destruição sofisticada.

É o amor que dá direção ética à potência humana.

Talvez por isso as maiores crises da humanidade não sejam crises econômicas, políticas ou tecnológicas. São crises de afastamento dessa essência.

Quando uma sociedade se desconecta do amor como princípio orientador, ela passa a idolatrar a competição acima da cooperação, o acúmulo acima da partilha, o sucesso individual acima do bem coletivo. E então surgem o vazio, a fragmentação e o colapso silencioso das relações.

Reconectar-se ao amor é, portanto, um ato revolucionário.

É retornar à fonte.

É compreender que o verdadeiro poder não está em controlar, mas em servir.

Que a verdadeira grandeza não está em possuir, mas em oferecer.

Que a verdadeira realização não está em receber reconhecimento, mas em participar conscientemente da construção de algo maior que si mesmo. O amor é a linguagem primordial do universo.

Antes de qualquer doutrina, religião, filosofia ou sistema moral, ele já era.

Ele antecede conceitos porque é experiência originária.

Antecede palavras porque é presença.

Antecede formas porque é essência.

E talvez o maior chamado da existência humana seja justamente este: aprender a reconhecer o amor não como evento ocasional, mas como fundamento permanente da vida.

Quando isso acontece, a existência ganha novo significado.

O trabalho deixa de ser apenas obrigação e torna-se contribuição.

O conhecimento deixa de ser instrumento de superioridade e torna-se ponte.

A convivência deixa de ser tolerância forçada e torna-se oportunidade de expansão.

Tudo se reorganiza.

Porque quando o amor é compreendido como causa e essência, a vida deixa de ser disputa por espaço e passa a ser construção compartilhada de sentido.

No fim, talvez toda jornada humana seja uma lenta aprendizagem dessa verdade.

Vimos para recordar aquilo que, em algum nível profundo, sempre soubemos: Que somos frutos do amor.

Que existimos para expressá-lo.

E que toda plenitude verdadeira nasce quando compreendemos que viver é, antes de tudo, um ato de doação.

Se quiser discutir algum dos assuntos abordados ou mesmo outros contate-me via este e-mail signoflife.info2026@gmail.com

async
DESENVOLVIMENTO